



RelevO

Periódico literário independente feito em Curitiba-PR desde set/2010 • Janeiro de 2026 • n. 5, a. 16 • ISSN 2525-2704





DOS CUSTOS DA VIDA

RECEITA BRUTA



ASSINATURAS R\$ 8.705

R\$ 25 Eduardo Iantorno de Moraes; **R\$ 40** Priscila Iglesias Rosa; **R\$ 50** Wagner Alcantara Aragão; **R\$ 60** Isabella dos Santos; **R\$ 80** Ialos Frühstück; Luciana Lain; Bruno Gréggio; Daniel Montoya; Francirene Gripp Oliveira; João Paulo Hersegel; Luiza Mendes; Adriano Lobão Aragão; Conrado Gonçalves; Jeferson Sartori; Gabriel de Franco Rocha; Gabriel Galbiatti; Matheus Florio; Snider Washington Diniz Marques; Maurilio Montanher; Ben-Hur Demeneck; Nicolás Wolaniuk; Zé Carlos; Dara Charife; Leonardo Santos Gedraite; Tamiris Volcean; Isabela Diniz de Castro; Dani Giannini; Raisa Boing; Franz; Gabriella Dresch; André Munhoz; Rosilene Rocha; Willian Tomasi; Tiago Jonas; Eduardo Zanatta Leite; Fernando Gimenez; Igor Lucchese; Mylena Queiroz; Lucas Sanches Lima; Ana Carolina Mercês Coura; Ariel Ganassim; Isloany Machado; Bobby Baq; Rebecca Trevisan; Ulisses Dias; Romy Huber Pradi; José Nelson Dante; Bianca Faciola; Henrique Fagundes; Carol Baumgratz; Edmar Guirra; Ivo Korytowski; Damaris Pedro; Davi Koteck; Fabio Cairolli; Bellé Jr.; Lausamar Humberto Alves; Leonardo Alves; Juliana Vilela; Maria Teresa Fornaciari; Michel Souza; Eduardo Pereira de Souza; Rafael Cal; Adriano Versiani; Rafael de Souza; Marcelo Lotufo; **R\$ 100** Wesley Ferreira; Whisner Fraga; Dani Meriko; Daniel Siqueira; Severo Brudzinski; Rômulo Cardoso; Nuno Rau; **R\$ 120** Agnaldo Coelho Jorge; Luiz Eduardo de Andrade; Esmeralda Faiad; Fernanda Barbetta; Rebeca Cristina; **R\$ 140** Fábio Dobashi Furuzato; **R\$ 160** Rodrigo Crepalde; Leonor Sampaio; Demian Gonçalves Silva; Natali Gomes Vancini; José Nunes; Fernando Maatz; **R\$ 170** Ana Amália Alves da Silva; **R\$ 320** Daniel Martini; Demian Gonçalves Silva; **R\$ 360** Priscila Branco.

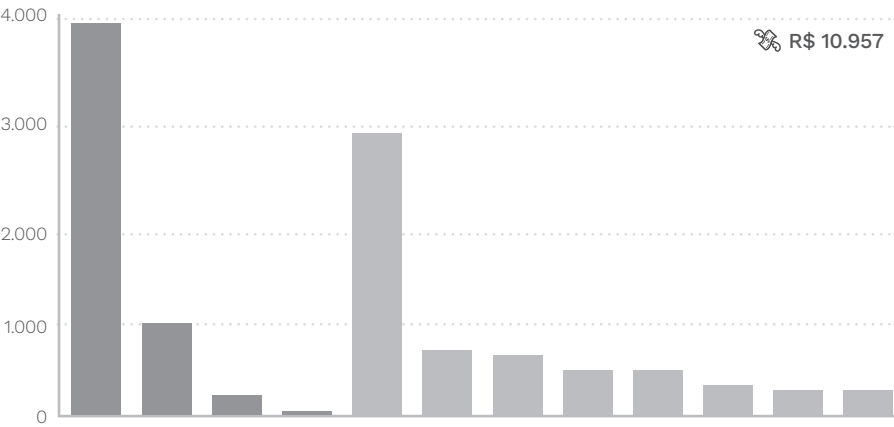
ANUNCIANTES R\$ 2.230

R\$ 50 Rede Macuco; Nostalgia Sebo e Livraria; **R\$ 80** Luiz Gustavo Vicente de Sá; **R\$ 100** Museu do Livro Esquecido; André Giusti; **R\$ 150** Isloany Machado; **R\$ 350** Allejo; **R\$ 400** Editora Moinhos; **R\$ 450** Maniacs; **R\$ 500** Bruno Inácio.

CONSULTORIAS R\$ 0

DESPESAS DO MÊS

CUSTOS ADMI. E VARIÁVEIS		CUSTOS FIXOS		
Correios R\$ 3.932	Transporte R\$ 200	Gráfica R\$ 2.830	Editor-assistente R\$ 450	Serviços editoriais R\$ 250
Papelaria R\$ 1000	Domínio mensal R\$ 45	Mídias sociais R\$ 650	Serviços gráficos R\$ 450	Serviços logísticos R\$ 250
		Colaboradores de novembro R\$ 600	Escritório R\$ 300	Editor-executivo R\$ 0



RESULTADOS DO MÊS

- Entradas totais: R\$ 10.935
- Saídas totais: R\$ 10.957
- Resultado operacional: R\$ -22



EXPEDIENTE

Janeiro 2026

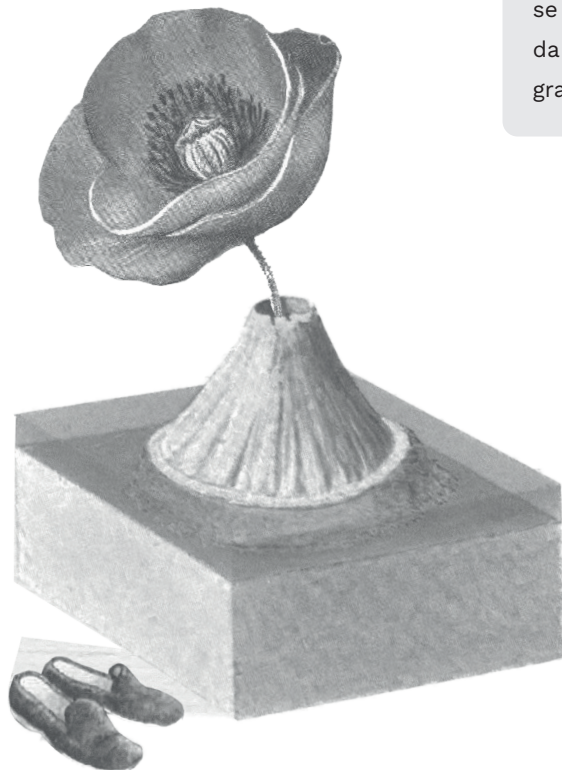


Editor Daniel Zanella
Editor-assistente Mateus Ribeirete
Ombudsman Priscila Branco
Revisão Às Vezes
Projeto gráfico Bolívar Escobar
Advogado Rafael Estorilio
Impressão Gráfica Exceuni
Tiragem 4.500

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante
Nuno Rau

Edição finalizada em 23 de dezembro de 2025.



ASSINE / ANUNCIE

O **Relevô** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevô.com/assine e jornalrelevô.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevô.com.



PUBLIQUE

O **Relevô** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **Relevô** recebe ilustrações. O **Relevô** recebe fotografias. O **Relevô** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevô.com/publique.

NEWSLETTER

Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama *Enclave* e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevô.com/enclave.

DAS OBRAS

As ilustrações desta edição são de Bobby Baq. Você pode conferir mais do trabalho dele em instagram.com/bobbybaq.

TIPOGRAFIA

A fonte usada para os títulos desta edição é a League Gothic, desenvolvida por Caroline Hadilaksono e sua equipe na League of Moveable Type.





CARTAS

BICHOS, SAIAM DOS NICHOS

Rinaldo Batista Pereira • Boa noite. Digo que estou aqui superatrasado com a leitura do Jornal. Estou lendo agora o de outubro. Ultimamente venho traindo esse jornal mais que a criação de poesias que depois se transforma em música com app de IA; tornei-me refém disso. Hoje, consegui tirar a atenção do meu algóz e ler. Sem mais, parabéns pela debutância. Cada edição é uma delícia nova. Ah, mas espera aí! O que me fez mesmo mandar esta mensagem é que eu considerei emocionante e primoroso o editorial de outubro. Parabéns pela edição 200. Ficamos felizes também, porque esse jornal existindo permanece nosso gosto pela leitura, sempre com uma forma debochada e uma literatura excepcional. Ah, e parabéns também pelo quase nada de déficit. Quis ler a edição de novembro na mesa da cozinha, tomando meu chá de erva doce. Foi só abrir o jornal para o gato Pompom subir na mesa e se aninhar sobre ele. E ali ficou. Mudou de posição, ficou com a cabeça pendurada pra fora da mesa, mas dali não saiu. Meu chá esfriou e minha vontade de ler também. Agora ele está aqui, com cara de desentendido. Ainda deitado feito esfinge sobre o jornal:

JORNAL RELEVO

Abri o RelevO na mesa

Me preparei para ler esta beleza

Mas meu gato, esperto

Achou relevante tê-lo por perto

Rodou e deitou-se sobre o jornal

Como se deitar-se ali fosse normal

Pensei “melhor relevar a folga”

Só que ele sempre se empolga

E deita onde tem algo novo

Sem ver relevância no estorvo

Quer que o mundo acabe em barranco

Mas não gosta quando leva um solavanco

Ainda achando irrelevante minha leitura

Permanece deitado na cara dura

“Perdeu, mané”, ainda tenho que imaginar

Ele dizendo enquanto me faz esperar

E eu? Relévo

EITA

Edson Aran • Olá, meus caros. Sou assinante do RelevO e me divirto muito com o jornal, que considero uma estranha mistura de *New Yorker* com revista *Mad*. Tenho uma história que, quem sabe, talvez interesse a vocês. Faz seis meses lancei um romance chamado *Quincas Borba e o Nosferatu*, que mistura os personagens de Machado de Assis aos de outros autores do mesmo período, como Arthur Conan Doyle, Bram Stoker, Edgar Allan Poe, Charles Dickens etc. Já enviei o livro para a redação e espero que vocês o tenham recebido. Na trama, Quincas Borba se torna uma espécie de Sherlock Holmes “filosófico” com Brás Cubas atuando como um cínico Dr. Watson. Seu primeiro cliente é Bento Santiago, que deseja investigar a mulher, Capitu. Este livro foi oferecido à editora Rocco, que disse não à obra em janeiro de 2024. Em junho de 2025, meu livro saiu pela editora Faria e Silva, um selo da Alta Books. Agora a Rocco

anuncia que o escritor Pedro Bandeira faz para eles seu primeiro romance adulto, que coloca Sherlock Holmes investigando o adultério de Capitu. Pode ser apenas uma coincidência, é claro, pois a vida é cheia delas. Mas há uma grande estranheza em toda a história. Meu livro é “sherlockiano” sem Sherlock, embora Mycroft Holmes, Dr. Watson e um personagem essencial de *Dom Casmurro* estejam presentes no epílogo que encerra o livro. Conto com a ajuda de vocês para que essa história estranha se torne conhecida. Tenho falado muito dela nas minhas redes. Meu perfil em todas elas é o mesmo: @EdsonAran. Obrigado, grande abraço e um fantástico 2026!

Sabrina Nunes Caros • Jornaleiros, Aqui estou novamente, mais um dia... haha A edição de dezembro ainda não chegou, por isso meu contato. Alguém está conspirando para que eu não tenha acesso às leituras amargas e doces do RelevO. Pergunta que fica: a quem interessa impedir-me de deleitosos prazeres? Fico no aguardo.

Isloany Machado • Eu acho a ideia toda do jornal algo incrível, inteligente, de um humor ácido do jeitinho que eu gosto. Então, acho que é algo que deve ser incentivado, apoiado. Creio que, assim como eu, haja muitos que pensem da mesma forma, pois o trabalho é realmente bom. Boas festas 🥰 Abraços!

Júlia Santi • Fala, galerinha RelevO, tudo bão? Sinto informar que não estarei renovando a assinatura. Eu e minha amiga que havíamos assinado muito empolgadamente, infelizmente fomos contrárias ao que Renato Russo cantava quando dizia “temos todo o tempo do mundo”, pois não tivemos. As poucas edições que conseguimos ler, foram aproveitadas fofamente por nós, que deixamos recadinhos nas bordas uma para a outra sobre as matérias. Mas parabéns a equipe, ainda leremos os que permaneceram lacrados até então. Minha amiga, essa que tem o sonho de abrir uma cafeteria, tem a vontade de voltar a assinar quando esse momento chegar (mas, por favor, não crie expectativas quanto a isso, pois sonhos são de padaria). Abração, querides!

Pedro Aragão • Oi, Jornal! Gosto do despretenso; talvez seja na falta de expectativas que repouse o tônico que nos mantém alertas para o que de bom pode vir – às vezes nunca vem! E foi sem pretensão que, após ter o meu escrito recusado (elegantemente, por meio de um texto padrão), aguardei a cortesia de uma edição do RelevO em minha casa para que eu a lesse – talvez um prêmio de consolação. Não esperava que fosse chegar, mas, para minha surpresa, ela veio. Ao segurá-la, regressei aos tempos – não tão distantes – em que tinha o prazer de folhear um jornal, sentir o seu aroma, vivenciar um momento, mergulhar em histórias. Sou jornalista e escritor; sei, é quase uma redundância, mas temos nos tornado redundantes neste mundo que se lê cada vez menos, e precisamos manter esse hábito vivo, nos duplicando ou, quem sabe, multiplicando para evitar o cessar das luzes literárias. A resistência me comove. Foi acompanhando a força de vocês,

como jornal independente, que, de alguma forma, me conquistaram. Desejo que possam ir mais longe, que alcancem mais pessoas – desprestenciosamente.

Tatiana Nasser • Lembro da época em que trabalhei na comunicação da Prefeitura de Curitiba. Eu chegava cedo e a cena era sempre a mesma: uma mesa enorme coberta por todos os jornais do Brasil. Era a primeira ação do dia. Reunir os amigos jornalistas em volta daquela mesa era quase um ritual – entre o cheiro do papel, o toque áspero das páginas e os dedos manchados de tinta. Aquela era a nossa porta de entrada para o mundo, uma outra era da informação. Hoje tudo mudou. As manchetes já não esperam a impressão da madrugada. Em segundos, a notícia que antes cruzava o país em páginas impressas, agora chega às telas do celular, na palma da mão. A rapidez é fascinante – temos acesso a tudo, em tempo real. Mas confesso: às vezes sinto falta daquele silêncio da manhã interrompido pelo folhear dos jornais, do café que acompanhava as conversas e da sensação de que a informação tinha um peso quase físico. Era um tempo mais lento. Agora é instantâneo. Mas, no fundo, a essência continua a mesma: a busca incessante por estar informado, por entender o mundo e compartilhá-lo com os outros.

Carol W • Vocês são uma raridade! Aqui na cidade que eu moro temos dois jornais, mas nenhum com essa cultura aí. Parabéns! Um bom natal e um 2026 cheio de coisas boas pra vocês.

CIRCUITO

Eduardo Souza Lima • Um conto meu foi publicado no RelevO. Que iniciativa maravilhosa, uma publicação de literatura no momento em que a chamada grande imprensa reduz o espaço dado ao tema. “Judite” é uma reinterpretação do livro bíblico que tem uma de minhas heroínas favoritas da ficção. O RelevO tem linguagem informal, mas é muito sério. Por exemplo, a publicação, a cada edição, faz sua prestação de contas. Não aceita dinheiro público, é bancado somente por pequenos anunciantes e assinaturas. Assinem! Eu só não assino porque já assinei.

Fernando Borges • Uma honra gigantesca ser publicado pelo RelevO. Realmente, um presente pra fechar 2025 numa nota alta. E na edição 200! Eles estão aí desde 2010, o que já seria fenomenal em qualquer época, mas em tempos de Internet, Mídia Digital, Pós-Verdade, IA e tudo o mais, é inacreditável. Muito obrigado por essa oportunidade!

Vitor Miranda • O Rodrigo, da Maranta Livraria, em Uberlândia, viu a sinopse de *Os ratos vão para o céu?* no excelente RelevO e adquiriu três exemplares. Viva aos jornais e revistas literários que fazem a poesia e a literatura circular e viva às livrarias que dão espaço para a literatura independente. Valeu demais 🤍 Quem quiser adquirir um exemplar, chama no direct que tá tendo.

Nostalgia Sebo e Livraria • Somos um ponto de distribuição do RelevO em Cacoal, Rondônia.

É um jornal de literatura publicado há 15 anos. Temos exemplares disponíveis. Mande um direct para combinarmos a retirada. 📧📖

Thalita Neres • Encontrei o RelevO pela primeira vez na Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba. Peguei um exemplar porque achei tão bonito ver um jornal impresso daquele jeito, com textura, papel gostoso, essas coisas que eu amo. Levei pra casa que nem um tesouro, toda animada, e até fiz um vídeo falando sobre. Meses depois, abrir o RelevO de novo e ver meus desenhos ali no meio foi uma alegria tão gostosa, dessas que chegam devagar, mas ficam. Fiquei muito feliz de participar dessa edição. Obrigada ao Jornal e ao editor, que cuidou de tudo com tanto primor.

Casa das Ideias • O RelevO é um impresso mensal de literatura, sua distribuição é gratuita aqui na nossa livraria em São Caetano do Sul, e você pode garantir o seu aqui #lerfazbem #lertransforma #lermudaomundo

Jornal Gaveta • Não sei por que o algoritmo demorou tanto para me entregar este perfil icônico. Agora, minha nova obsessão é apreciar cada publicação como quem assiste a uma aula, estudando para aprimorar os próprios passos.

CAPA DE DEZEMBRO

Zeh Gustavo • Que capa, senhores!

Tim Massa • Nada como desenhos malucos para lacrimejar os olhos de outros malucos!

UMA CARTA ESQUECIDA

Rozana Gastaldi Cominal • E que flash é a vida de o RelevO! Deve ser por conta da experimentação das fontes usadas. Ponto também para as ilustrações de Paulo Apgáua na edição de agosto. Vida que segue com a poesia na ordem do dia apesar dos ventos arredios. Pelos olhos de Felipe Abeijón, zoom e penumbra nos fragmentos borrados: “o poeta é um animal noturno”. Vamos espiar o mundo com Bruma nada leve: “quando a terra pariu aquilo” fissura nossas pupilas. Seguidos de dois blackouts, de Diego Pansani – chão habitado por fantasmas e arma quente. A conferir com Thainá Carvalho se tem manual, migração ou fim-fim. No mais, quarta-feira de Elizandra Sabino Marques é convite para “o amanhã ainda não imaginado”. Que assombro ver a “terra reduzida a nada, nada mais”... “meu amor, é o fim da odisseia terrestre”, mas dá tempo de apostar no 22!

FIM [DE MANDATO] DO OMBUDSMAN

Alcebíades de Souza • Prezada redação. Estranhei, confesso, a ausência da última coluna do ombudsman. Não por acreditar que o silêncio também não seja uma forma de crítica, mas imagino que, nesse caso, tenha sido involuntário. O curioso é que justamente quem vigia o Jornal tenha faltado sem aviso. Fiquei esperando a coluna como quem espera o fiscal do atraso... que não aparece.

MAIS CARTAS

EDITORIAL

PARA A NOVA OMBUDSMAN

Beatriz Cagliari • Agora minha cartinha pro ombudsman: sou uma grande fã deste Jornal, por isso me sinto no direito de fazer algumas críticas ácidas em relação ao conteúdo das últimas edições. Assim como Eunice Paiva achava que Marcelo Rubens Paiva escrevia muitos palavrões em seus livros, também tenho visto muitos palavrões nos textos publicados pelo **RelevO**. Não que um palavrão seja responsável pela falta de qualidade de um texto, mas é sempre bom conferir se a quantidade e a função deles estão alinhadas com o sentido, o estilo e o propósito do texto. Outro ponto importante é a quantidade de textos que apelam para o erotismo (numa das edições passadas, fiquei até em dúvida quanto à identidade do jornal). Sem qualquer moralismo envolvido, achei, como no caso dos palavrões, uma quantidade desproporcional — fora que, na mesma edição em questão, li cartas de adolescentes de 14 anos. Bom, era isso. Obrigada pela atenção e pelo Jornal incrível que vocês publicam se desdobrando em mil.

Vanessa Fagundes • Coincidência, certamente, mas meu ego me força a crer que a edição de outubro — a qual só li agora, tão ocupada que me encontro com coisas mundanas — veio recheada de texto, exatamente como eu pedi! Entretanto, preciso pontuar o excesso de vulgaridade. Nem é pela palavra CU que foi repetida tantas vezes, em diferentes textos, mas pelo uso do espaço que poderia ser destinado ao engrandecimento intelectual... Sério, não sou puritana, só escolheria outra abordagem para (qualquer) edição do Jornal, tipo o texto da edição de novembro que acredito ser da Marieta Amadeo, esse sim, ocupou espaço relevante (olha aí!). Mas, gostei muito do RelevO Notícias e de “fagulhas em deferência”. Ocupar espaço, afinal, não é sobre o espaço, mas sobre o que tem nele rs.P.S.: Continuo gostando!

Maria Raquel • Ducentésima... até bonito de falar. Edição histórica! Mas pela foto em preto e branco da nova ombudsman nas redes do Jornal, achei que a pessoa tinha morrido... 😞 Preciso remodelar a forma como meu cérebro percebe algumas informações. Parabéns à Priscila, nova ombudswoman!

Nathan Matos • Coisa boa, todo mês agora vou poder escrever uma carta pro **RelevO** reclamando dos textos da Priscila Branco.

Aline Cardoso • Quando a pessoa é inteligente, sagaz, afiada, talentosa, linda, curadora e doutora em literatura abala e arrasa as profundezas! AMO e sou muito fã ❤️

A simplicidade é o selo da verdade?

Janeiro é o mês zero com passado. O que é uma retrospectiva senão uma vaidade em forma de narrativa cronológica? Entre os marcos temporais e o vislumbre de alguns dias de descanso, olhamos para os últimos meses vividos como quem chacoalha um globo de neve, em uma busca por organizar o caos do vivido para que ele pareça coerente, contínuo, até mesmo digno de ser contado. E, afinal, estamos vivos: algo bem mais amplo do que um prêmio de consolação.

A retrospectiva não nasce do passado, mas do presente que olha para trás e escolhe o que merece permanecer, como as marcas de lápis no caderno que sobrevivem à fricção da borracha. É uma busca entre o automático das datas e as expectativas dos novos rumos. Como pronunciava Dorothy Parker, “Quatro coisas sem as quais eu teria me sentido melhor: / Amor, curiosidade, sardas e dúvida”.

Uma retrospectiva, em certa medida, assemelha-se a uma edição mensal de um jornal impresso (quem diria...): não registra o que aconteceu, edita. Corta arestas, suaviza fracassos, sublinha vitórias e, sobretudo, constrói sentido onde antes havia apenas sobrevivência. Há nela um desejo profundo de legitimação: provar que o caminho fez sentido, que os desvios eram parte do trajeto, que as quedas foram o ensaio do salto seguinte.

De fato, para um jornal impresso de papel e de literatura, uma retrospectiva é o momento em que o projeto olha para si mesmo e reconhece o custo material de existir: o papel novamente encareceu; a gráfica também reajustou preços; todos os itens de papelaria aumentaram acima da inflação; o prejuízo que acumulamos silenciosamente em 9 de 12 edições de 2025, ali na página 2, nos relembra dos assuntos da cozinha enquanto o mundo acredita que o nosso futuro é nos tornarmos todos um grande *data center* de IA. Todo novo ciclo é uma curiosa esperança de sustentabilidade.

Ao mesmo tempo, a retrospectiva também revela paradoxos do presente: enquanto o nosso caixa aperta, a circulação se amplia. Atualmente, atingimos 380 pontos de distribuição no Brasil todo, voltando ao patamar de distribuição de janeiro de 2020, um mês antes da pandemia da Covid-19. O nosso número de assinantes caiu de 1.150 para 1.030, embora o ticket anual tenha subido com o nosso reajuste da assinatura, de R\$ 70 para R\$ 80.

Enquanto o papel pesa no orçamento, a presença digital se expande. De dezembro de 2024 para dezembro de 2025, a quantidade de seguidores do **RelevO** cresceu 30% (12.000 vs. 15.600 seguidores) — e sem impulsionar posts, decisão também motivada por saber que Mark Zuckerberg existe (calculamos que ele vá sobreviver à nossa resistência). Não estamos preso a um suporte, mas a um modo de existir no mundo, ainda mais agora que ter 1 milhão de seguidores e ser influencer não quer dizer nada: as plataformas querem mesmo é que consumamos anúncios.

O impresso segue como gesto físico, lento e deliberado; o digital, como extensão, diálogo e atravessamento. Olhar para o ano que passou é reconhecer que o prejuízo não anulou o impacto do nosso produto em nossa (tsc tsc) comunidade e que ampliar circulação e presença não é sinal de conforto, mas de insistência (“essa frase parece o chatGPT” — dilemas contemporâneos). Uma retrospectiva, nesse caso, não encerra um ciclo, uma vez que documenta a decisão de continuar.

A simplicidade é um selo da verdade: queremos circular, queremos que o Jornal saia do PDF, seja impresso (ou imprimido!) e chegue às mãos de leitores. Do assinante que nos apoia, do leitor que nos encontra na melhor cafeteria de sua cidade ou em uma das 200 livrarias do Brasil que recebem o **RelevO** todo mês. Falar de 2026, nesse registro, não é anunciar conquistas mirabolantes ou metas ruidosas, e sim — apenas — declarar um compromisso cíclico com o simples: queremos continuar.

Por fim, o que desejamos para 2026? Saúde financeira e uma boa dose de diversão. Não se trata de resistir ao tempo, nem de romantizar dificuldades, mas de trabalhar dentro dele, com os limites conhecidos. Se continuarmos aqui na retrospectiva do fim do ano que vem, será porque o modelo funcionou o suficiente para prosseguir — e isso, mais que qualquer discurso, será o dado mais importante do próximo ano. Queremos continuar fazendo um impresso de literatura que circule de forma consistente, chegue aos pontos certos e encontre leitores.

Uma boa leitura a todos! ®



APOIADORES



BANCA TATUI

bancatui.com.br / Desenho por Ángela León



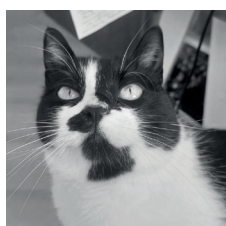
Nostalgia
Sebo e Livraria

@nostalgiaselolivraria
Cacoal-RO

URGENTE

Aaaaah! Um enorme terremoto está acontecendo! Com erupções vulcânicas e essas coisas.

Use o poder do seu livre-arbítrio para tomar uma decisão:



Alternativa A

Assinar o Jornal RelevO e salvar Toninha, a gata

Alternativa B

NÃO assinar o Jornal RelevO e salvar o bilionário Elon Musk



O pessoal está ansioso para saber sua escolha!

contato@jornalrelevo.com

www.jornalrelevo.com

VALE ALGUMA COISA

Apresente este vale para alguém e ganhe alguma coisa

RelevO

A maior treta literária do século

Priscila Branco

Quando fui convidada para ser a nova *ombudsman*, a torcida inteira do Flamengo me perguntou o que diabos é essa palavra tão esquisita e por que virei um homem. Taí, realmente no Brasil não temos tal tradição interessante: mediar a interação do leitor com os temas publicados e encher o saco do editor. Obviamente, o cargo nem tem uma versão vocabular para mulheres. Brincamos que somos uma “ombudswoman”, mas ninguém usa realmente o termo. Só para registro (ou crítica passivo-agressiva), apenas cinco mulheres já ocuparam este lugar aqui no Relevo (contando comigo), entre 18 pessoas no total.

Estou muito honrada e feliz em contribuir com este Jornal, que acompanho e admiro há alguns bons anos: já fui anunciante, escritora publicada e sempre leitora. Juro que ninguém me ameaçou ou subornou para babar ovo assim, mas, gente, completar 200 edições não é para qualquer um! Começando a comentar sobre o número de dezembro, é realmente necessário que o editorial reafirme a importância do jornal impresso no Brasil. Com o avanço da internet e da Inteligência Artificial (nada contra, inclusive uso o ChatGPT para diagnosticar neuroses hipocondríacas), parece que a experiência silenciosa, lenta e corporal do texto num suporte físico tem se perdido ainda mais. Sem contar a última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2024), que apontou uma diminuição drástica do número de leitores em nosso país. Acredito que toda iniciativa literária, pequena que seja, pode contribuir para melhorar esse quadro (alô, revistas e coletivos independentes!).

Mas nem só de elogios vive um ombudsmanto, não é mesmo? Uma leitora me mandou secretamente uma mensagem reclamando que o Relevo é muito pidão e que vive implorando esmola para existir. Não sei se vou conseguir cumprir minha obrigação em defesa dos leitores, porque achei a crítica descabida. Ora, como fazer um jornal impresso independente de literatura circular pelo Brasil, a um

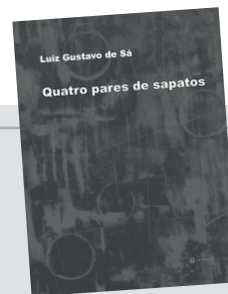
preço acessível, sem ser pela contribuição de quem o lê? E sabemos que a competição está alta: é tigrinho, bizarrices da Shopee, ETs de pelúcia e qualquer item aleatório de Stranger Things. O que você, leitor, sugere então que o RelevO faça? Venda pack de pé?

O Jornal também está recebendo muitas reclamações em relação às palavras utilizadas nas matérias ou textos literários. Sim, alguns vocábulos, apesar de estarem apenas em linhas corridas ou versos e não serem nenhuma bala perdida atingindo uma pessoa inocente nem notícia do crescimento numérico de agressões contra mulheres no país, estão incomodando a família tradicional brasileira ou o leitor mais recatado.

Rubervam, por exemplo, na edição passada criticou os poemas de Vitor Campos Lino, publicados na edição de novembro, devido a um “palavrório desordenado” (palavras dele). Beatriz Cagliari, em recente carta, apontou o “excesso de vulgaridade”. E ainda teve pedido de corte de recebimento do jornal em ponto de distribuição! Por outro lado, Millena, na última edição, sugeriu uma competição de xingamentos literários. Não sei se vocês conhecem um poeta chamado Ferreira Gullar e seu famoso “Poema sujo”. Sugiro que leiam o início e comentem o que acharam do uso das palavras escolhidas.

Nessa discussão toda sobre palavrões e partes específicas do corpo que são consideradas não gratas de aparecerem num jornal literário, prestei muita atenção à falta de reclamações em relação ao conteúdo do poema “Michelle”, de Rodrigo Madeira. É um poema muito violento, que mostra uma realidade dura dos moradores de rua de Curitiba e da luta de classes. Afinal, falar palavrão ofende, mas uma pessoa sucumbir à loucura e à pobreza e ser assassinada é aceitável pela sociedade. Reflitamos.

Por fim, vocês devem ter percebido que não tem treta nenhuma. O título foi só um chamariz mesmo, porque sei que vocês adoram uma fofoca. Beijo, e até a próxima!



Ao interpelar uma amiga a respeito de seus quatro pares de sapatos, o Sr. Keuner, da obra de Bertold Brecht, recebe como resposta: “eu tenho quatro tipos de pés”.

Assim como nossos pés percorrem diversos caminhos e necessitam utilizar adequados pares de calçados, os poemas de *Quatro pares de sapatos*, ao esquadrinharem os cômodos da casa, as ruas, os campos e as veredas da memória, fazem uso de diferentes tipos de olhares. Nos “lugares comuns”, o cotidiano aparece com suas contradições — o calor insuportável do verão, as manias, as coleções de objetos inúteis, o homem-placa que atravessa a cidade.

A poesia de Luiz Gustavo de Sá interroga, desvia, reinventa, combinando imagens, ritmos e associações inesperadas. Cada eixo do livro abre uma possibilidade de caminhar, seja pelo rastro do cotidiano, pela intensidade do amor, pelo descompasso da modernidade ou pelo assombro diante da natureza. O autor nos convida a seguir por esses caminhos múltiplos não em busca de um destino, mas da surpresa de cada passo, tanto através de terrenos acidentados quanto por jardins de puro lirismo. Depende para onde quisermos ir.

Quatro pares de sapatos

Luiz Gustavo de Sá
R\$ 56 (100 páginas)

7letras.com.br/livro/quatro-pares-de-sapatos/

Editora
LitteraLux
Porque livros iluminam
www.editoralitteralux.com.br

+ de **1.700** títulos
publicados desde 2012



Instagram: @EditoraLitteraLux Facebook: /litteraluxeditora Twitter: @editoralitteralux Email: litteralux@editoralitteralux.com.br

Quer publicar com a gente?

Escreva para:
originais@editoralitteralux.com.br



**BONS
VENTOS
trazem
BOAS
LEITURAS**



EDITORAMOLINHOS
.COM.BR

Instagram: @EDITORAMOLINHOS



OS RATOS VÃO PARA O CÉU?

Nestes contos sobre infâncias, Vitor toca em pontos que fogem da própria psicanálise. Em conceitos poundianos, misturado com a comunicação dinâmica de nossos dias, sarcasmo e realismo fantástico, relata uma espécie de distopia neurolinguística. Mexe em lugares perigosos da mente humana. Deturpa a retina do narrador em sua obra mais radical. Nos faz deixar de achar absurdo a possibilidade de engravidar de um sapo. Pega pesado. O livro provoca. Escancara como nós somos assassinos. Depois dos poemas de Exátomos (seu livro anterior) nos mostrar que pioramos. “Os ratos vão para o céu?” vem com a crueldade das crianças. Quem escreveu esse livro de contos foi a sua criança mais revoltada. Miranda escreveu um dos livros mais políticos dessa geração ao nos colocar de frente para a tortura de nossas infâncias que um dia chamamos de futuro da nação.



Adquirir direto com o autor no
instagram @vitorlmiranda

A primeira palavra

o bebê gagueja sua primeira fala. os pais esperam ansiosos. a mãe torce pra que seja mamãe. o pai pra que seja papai. ele mexe os bracinhos. vovó manda beijinho. e o som vai saindo. a primeira palavra é muito significativa. tal qual a última, tipo “rosebud” do cidadão kane (e que acaba não levando à nada de importante, mas geralmente significa). quase sempre está relacionada ao que mais ouvimos no início de nossas vidas. e eis que a pequena criatura por fim enuncia sua primeira palavra. com a baba escorrendo pelo queixinho, ele diz:

— google

Entusiasmo

“O animal humano não adota
uma dieta restrita a uma
única emoção...”
Jack Finney

“Como pode alguém penetrar na casa de um homem forte e roubar-lhe os bens, sem ter primeiro amarrado esse homem forte? Só então pode roubar sua casa.”
Mateus 12:29

2.072, anno Domini. Commixtio:

O Deus entrou. O dia exato em que isso aconteceu permanece desconhecido. Nenhum de nós sabe. Sucedeu a cada um como costuma suceder com quem pega uma gripe: difícil dizer quando a infecção começa, embora se tenha sempre na memória a suspeita de que foi em um quando ou outro. Algo nos invadiu depois de um momento de distração, talvez durante o sono, entrando com o ar em nossos pulmões ou talvez após uma cegueira súbita por um farol alto na estrada. E se propagou aos poucos. Quando nos demos conta, lá estava Ele, demasiado íntimo de nossa própria intimidade, como um hóspede não autorizado que já se tornara dono de nossa própria casa. E de nossos corações.

O incômodo inicial veio justamente dessa intimidade. Saber que alguém percorria as catacumbas de nossos segredos e vasculhava os porões de nossos pensamentos desassossegava-nos por certa vergonha das teias de aranha, da falta de higiene e das tantas ruínas que guardávamos ali. A ideia de que o torpor matinal com que usualmente encobríamos essa coleção de desleixos familiares pudesse ser assim, inadvertidamente dissipado, e tais objetos, notados, mesmo que por um germe, vexava-nos.

E é bem verdade que Ele vasculhara fundo em nossos escombros. Não havia muito que pudéssemos fazer para impedi-Lo. Isso nos afundara ainda mais em nossas angústias. Vivíamos, já não há entre nós vergonha em dizê-lo, vidinhas bem medíocres. Não falo tanto de nossas ocupações cotidianas, mas de uma quase onipresente anedonia. Até os que levavam suas vidas com um sentimento de otimismo e de propósito sabiam que essa disposição era limitada demais, sitiada demais, não só pela opacidade de seus vizinhos, como também pelo esforço que tinham de fazer para manter tais sentimentos vivos em seus próprios cubículos de existência. Por mais heroicos que fossem em sua candidez, a contínua inspeção de seus próprios

domínios degenerara em uma rotina obrigatória e, de tão circunscrita, seja em território, seja em procedimentos, impedia qualquer evocação de aventura. Uma viagem em torno desses apartamentos inescapáveis nem de longe refletiria o brilho de um recurso à De Maistre.

Foi nesse cenário de destroços que O conhecemos, ou melhor, que Ele nos conheceu. Parasitas se aproveitam de sistemas imunológicos enfraquecidos. Ele se aproveitou de nossas mentes e corações prostrados e enfastiados. Incapazes de combatê-Lo, não nos restou senão reconhecer, gradativamente, Sua presença inexorável.

Sentimo-Lo, então, como uma nação ocupada sente o tropel de outra muito mais forte e irresistível, marchando sobre seu território. Era mais fácil chamá-Lo “parasita” por essa época, ainda um pouco feridos que estávamos em nosso orgulho. À medida que a ocupação se consolidava, sentíamos em nosso âmago que Ele fazia bem mais do que simplesmente correr por nossas artérias e neurônios. O ocupante também impunha suas instituições, o que, no nosso caso, significava tonificar parte de nossos próprios órgãos, adicionando-lhes estruturas cedidas por Ele. Ao contrário de nos duplicar completamente, como num filme cult de invasores alienígenas, destruindo nossos antigos corpos, Ele os reformava. Ou nos dava uma profunda sensação disso. Sobretudo nossos corações. Cada um de nós passou a viver com uma consciência muito mais viva de cada câmara e válvula de seu coração, bem como de cada movimento que faziam. Sentíamos uma espécie nova de robustez vindo do peito e isso nos fez perder os pudores iniciais que a invasão nos provocara. Ainda que nos sobressaltássemos ora ou outra com a ideia de que essa situação se tornava a cada momento mais irreversível — extraí-Lo significaria perder nossos próprios corações renovados, bem como o sentimento de vivacidade que Ele nos inspirava —, no fundo de nosso peito pulsava mais forte uma beatitude que nem mesmo os que dentre nós tiveram alguma outra fé religiosa jamais sentiram.



Bruno Greggio

Enquanto vivenciávamos essa transição de emoções, não tínhamos qualquer noção de Seu propósito. O parasita parecia-nos só mais um ser irracional, seguindo, como qualquer outro, uma necessidade cega de replicação. Éramos cada vez mais numerosos. Os efeitos que produzia em nós, essa incrível sensação de não mais nos ferirmos nos espinhos de nossas próprias solidões, não era muito diferente da que outros animais produziam em seus hospedeiros, algum tipo de anestesia, para que não se incomodassem com sua presença. A verdade é que o prazer interior que despertava em cada um afastava de nós qualquer interesse mais consequente por entendê-Lo.

Bem, nem todos eram assim, não no início. Grande parte do que sabemos hoje sobre Ele é resultado das pesquisas feitas pela equipe do Dr. Bradbury, antes que seus membros viessem para junto de nós.

O Dr. Bradbury chefiava a equipe médica multidisciplinar da Agência Mundial de Exploração Espacial, encarregada da saúde dos astronautas enviados para o Território Marciano Tyrr, o projeto pioneiro de colonização e exploração do planeta. Os casos de morte entre os membros das primeiras equipes exploratórias preocuparam a direção da agência e o doutor ficara muito intrigado. Casos inexplicáveis de morte por algum tipo de choque, ou que pareciam indicar pactos de suicídio, e mesmo suicídios individuais, foram relatados. Felizmente, isso não impediu o envio de outros grupos exploratórios, nem que outros retornassem. Os astronautas, por precaução, passaram a ser submetidos a uma rigorosa bateria de exames, após o seu retorno, que iam da mais sutil abordagem psicológica até o procedimento clínico mais ordinário. Eram praticamente revirados do avesso, na busca de algum indício do que o planeta vermelho poderia ter feito aos seus outros companheiros — e se havia risco de que os mais bem-sucedidos repetissem essas tragédias aqui na Terra.

Pouparemos a todos das minúcias dessas inquirições de tão amplo espectro. Muitos já portam em suas medulas o conhecimento sobre o assunto. Hoje, aqui reunidos, compete-nos rememorar Sua conversão e tornar ainda mais claro para todos nós a natureza de Seu amor.

Durante a intensiva aplicação de testes aos astronautas, não tardou que a equipe médica notasse comportamentos erráticos entre os exploradores. Algumas tripulações inteiras regressaram com uma

coordenação incomum entre seus membros. Pacientes, pressionados por investigações que supunham alguma forma de esquizofrenia, revelaram a presença de uma segunda consciência sobrepondo-se a outra, que se manifestava como prisioneira, e induzia comportamentos autodestrutivos. Naturalmente, as primeiras hipóteses vasculharam os manuais das afecções ordinárias e mais bem descritas. Terapias foram tentadas, os indivíduos postos em quarentena, curas ensaiadas. Nada resolveu. Porque era Ele que vinha do céu com os astronautas. E não se pode tratar como mal o que veio nos trazer o bem.

Depois de algum tempo, no entanto, a equipe notou uma curiosa mudança na semiologia colhida dos indivíduos: as manifestações incongruentes cessaram. A assim chamada “consciência prisioneira” parecia libertada, sem sinal de opressão da outra. Os médicos atestaram plena saúde aos pacientes, mesmo sem terem conseguido definir corretamente seu diagnóstico.

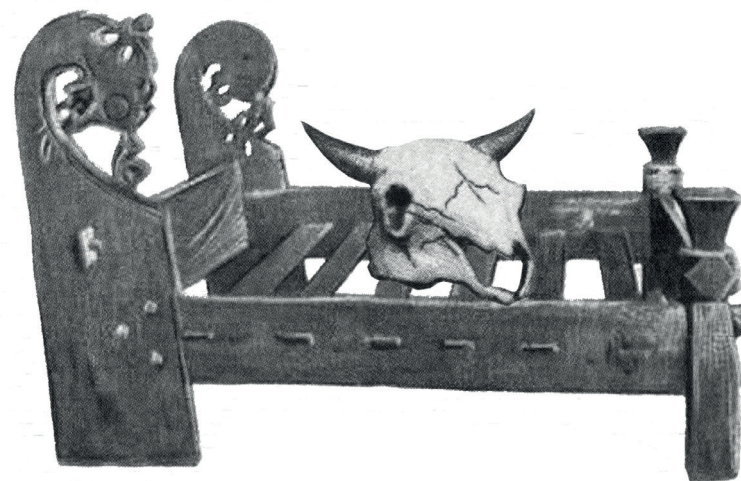
Em suas últimas anotações, Bradbury observou que os pacientes deixaram de apresentar um comportamento uniforme, quase mecânico e coordenado, mas, estranhamente, todos passaram a ostentar profundo vigor moral, certa intensidade incomum de gestos. Praticamente o oposto do que observaram na chegada dos astronautas. Supôs, erroneamente, que se tratava de um relaxamento produzido pela superação do período de estresse causado pela viagem e liberado pelo fim da quarentena.

Ainda assim, manteve alguns em observação, sob uma supervisão menos intensa, afinal, não queria que o tratamento acabasse por se tornar ele próprio a fonte de uma nova crise. Foi aí que Bradbury, aos poucos, entendeu. Foi aí que todos nós pudemos entender. As anotações do doutor não o dizem, mas há entre nós a memória de uma conversa. Ele decidiu se revelar ao perplexo cientista. Bradbury ouviu Sua voz.

Havia, de fato, um parasita. Diáfano, sem um corpo mais denso do que uma evanescência fugidia, invisível, sem forma própria, indescritível. Adaptado a lugares úmidos e escuros, encontrou na fisiologia humana uma espécie de poço hos-

pitaleiro. Fora encontrado no Território Marciano em Tyrr, aparentemente em algum subterrâneo, e passou a invadir e dominar os corpos dos exploradores que lá chegavam. De início, a infecção era agressiva: o parasita tomava controle pleno das funções corporais e mentais do hospedeiro, preenchendo sua própria insubsistência com a identidade postiça dele. O ser, o um, o algo — difícil encontrar na linguagem uma descrição adequada para Ele — era vazio de vivências atuais, embora carresse um conjunto organizado e consciente de memórias. Absorvia tudo de seu hospedeiro e aprendia rápido, até mesmo sua linguagem. Este, contudo, refém da agressividade do ataque, respondia em seguida com igual agressividade, travando uma luta pelo campo de batalha que se tornara o próprio corpo. Daí os episódios de morte por choque e os suicídios.

Com a intensificação das viagens exploratórias, o ser, ávido por experiências humanas, constatou que não poderia evitar que invadissem seu próprio planeta. Resolveu, então, acompanhar os humanos em sua volta para a Terra e saborear o ambiente alienígena de onde vinham aquelas tão novas experiências e tão exóticas memórias. Após as investigações e as quarentenas impostas pela equipe médica, e depois de novas resistências mentais por parte dos hospedeiros, utilizou sua estratégia parasítica até que tomasse contornos de mutualismo. Devolveu o arbítrio das ações motoras e da maior parte da atividade mental aos aliens humanos, enquanto adotava uma postura mais passiva, de





tanto mais querido quando percebemos o bem que trouxera para nossas vidas. Afastara aquela casmurrice diuturna, aquela hesitação lamentável, e insuflara em nós uma intensidade que jamais havíamos provado. Animava-nos e nos sentía-

mos todos os dias dispostos a viver todas as diversas possibilidades da existência. Nenhuma emoção era descartada, nenhum estímulo era previamente ponderado. Todas as obras despertavam-Lhe interesse; a guerra O agradava tanto quanto a paz. Ele, por sua vez, sorvia cada gota de nossas sensações, como uma aranha sorve uma mosca encapsulada. Excitava-nos a viver e vivia de nossas vidas, num círculo que só podíamos chamar de virtuoso. Servíamos a ele com nossas vivências e emoções – e era como se servíssemos a nós mesmos. Até a exaustão que nos acossava, ao fim do dia, era recebida por nós como um prêmio, o bilhete emitido em uma gare crepuscular que nos embarcaria numa viagem feliz de sonhos ao longo da noite.

Antes que pudéssemos estar todos reunidos aqui, creio que muitos se lembrarão houve hereges. O Dr. Bradbury deu ampla divulgação de suas descobertas, pouco antes de morrer. Parte da opinião pública ficara chocada e sentiu-se ameaçada. Remanescentes das velhas fés acusavam-No de ser, na verdade, um demônio, ou denunciavam o sacrilégio que era chamar de Deus um reles simbiote. Outros, uma minoria de descrentes, acusavam-nos de termos aceitado a função de donatários de nossos próprios corpos e de entronizarmos em nossas mentes um novo tirano, que apenas nos bajulava com pão e circo.

Essas heresias resultaram, todos sabemos, em meros espasmos de resistência. As múmias sacerdotais das velhas fés se transformaram em pó quando viram seus próprios argumentos voltarem-se contra si, pois Ele não nos oferecia senão bondades, bondades que podíamos sentir de fato em nossos corações e em nossas medulas, e sacrílego é o que atribui ao demônio os bens do Espírito – e contra isso não tinham resposta. Os descrentes, esses, coitados, não precisamos fazer nada mais que ignorá-los: suas promessas de emancipação não nos faziam senão recordar a mediocridade em que vivíamos antes de servi-Lo com

nossos impulsos, nossas emoções e nossos prazeres. Tal desobediência impotente soava-nos mais como uma espécie de masoquismo, e preferimos de bom grado sustentar Sua autoridade.

É bem verdade que, com o tempo, muitos de nós passamos a ter alguma dificuldade de nos recordarmos das coisas ou mesmo de suspeitarmos que houvesse coisas a serem recordadas. Revendo as anotações de Bradbury e seus auxiliares, supomos que o constante acesso a nossas memórias por Ele poderia estar relacionado a isso. Mesmo o interesse por livros de história arrefeceu. Quando os líamos, tínhamos dificuldades de entender certas partes, que pareciam enevoadas à vista ou mesmo absurdas. Alguns que estão aqui tiveram sobressaltos passageiros quando se deram conta. Mas o que é a história para quem almeja a eternidade? Não foi sempre esta a meta constante nos caminhos tortuosos daquela? Confiando em Sua bondade, essas perguntas nos tranquilizaram. E transcendemos mais essa mesquinha.

Passados esses infortúnios, que hoje partilharmos como meras tentações no caminho de nossa fé, podemos nos reunir e lamentar por aqueles que se recusaram a experimentar esse amor. Podemos, enfim, nos conciliar neste culto permanente, um espetáculo fraterno, em que nossas mentes podem ser apenas nossa mente, sob a graça Dele, que se ergue agora do poço escuro em cada um de nós, de nossas catacumbas de sangue e fluidos. E traz consigo nossos corações. Ele, que tanto esperou por nós, não mais espera. Sentimo Lo vir à superfície e apagar as distâncias que nos separam. Como Ele mesmo apagou a distância entre o céu e a Terra quando veio até nós. Ele nos toca. Nós O alimentamos com os frutos em nossas mentes e Ele nos rega e aduba. Ele fala em nós. E nenhum de nós é mais estranho ao outro, em corpo ou linguagem, por toda a Terra. Todos os rostos tornam-se familiares. Assim conhecemo-nos, assim sabemos o que todos sabemos. Assim vivemos o que todos vivemos. Sabemos quem somos: somos um.

O Deus entrou – em nossos corpos e também em nossas vidas. No início, achávamos que era só uma doença; hoje, não achamos mais nada que Ele mesmo não nos revele. É nosso coração e nossa mente. E não sei mais o que há em mim do homem que fui nem o que há de meu neste relato que nos ofereço. Isso já não importa. “Eu” é apenas um sonho do Ser. Somos um. Somos o um. A graça foi feita em nós.

Seu contentamento, quando encontrou aquelas velhas crenças, reverberou em nós. Percorreu, um a um, com deleite, todos os caminhos que levavam a elas. Sentimos Seu êxtase com o fulgor da revelação; Seu triunfo quando percorreu todas as cadeias dedutivas de um racionalismo deísta; Sua languidez voluptuosa se espreguiçando sobre um sentimentalismo romântico; Sua ambição diante de um teísmo especulativo... Agradara-O, em especial, a noção de perfeição, que encontrara em algumas mentes humanas, e o nome “Deus” que emanava dela. Acomodou-se ali, definindo, naquele escaninho, Seu domínio. Inspirou-nos, em nossos sonhos, a chamá-Lo por aquele nome, com as vênias de praxe.

Foi assim que, progressivamente, deixamos de considerar o ser como um parasita violento. Passamos a ter confiança Nele e aceitamo-Lo como um hóspede,



Conheça “De repente nenhum som”, livro que reúne 12 contos sobre o silêncio e as relações familiares



“Bruno Inácio entende que a força pode residir no silêncio, no miúdo, na costura bonita das linhas das mãos de personagens que são assim: da ordem do dia, mas, também, da ordem do impossível”

Marcela Dantés

“A escrita de Bruno Inácio é elegante, de um lirismo certo, transforma os não em sim de um jeito que parece simples, o que é um feito e tanto”

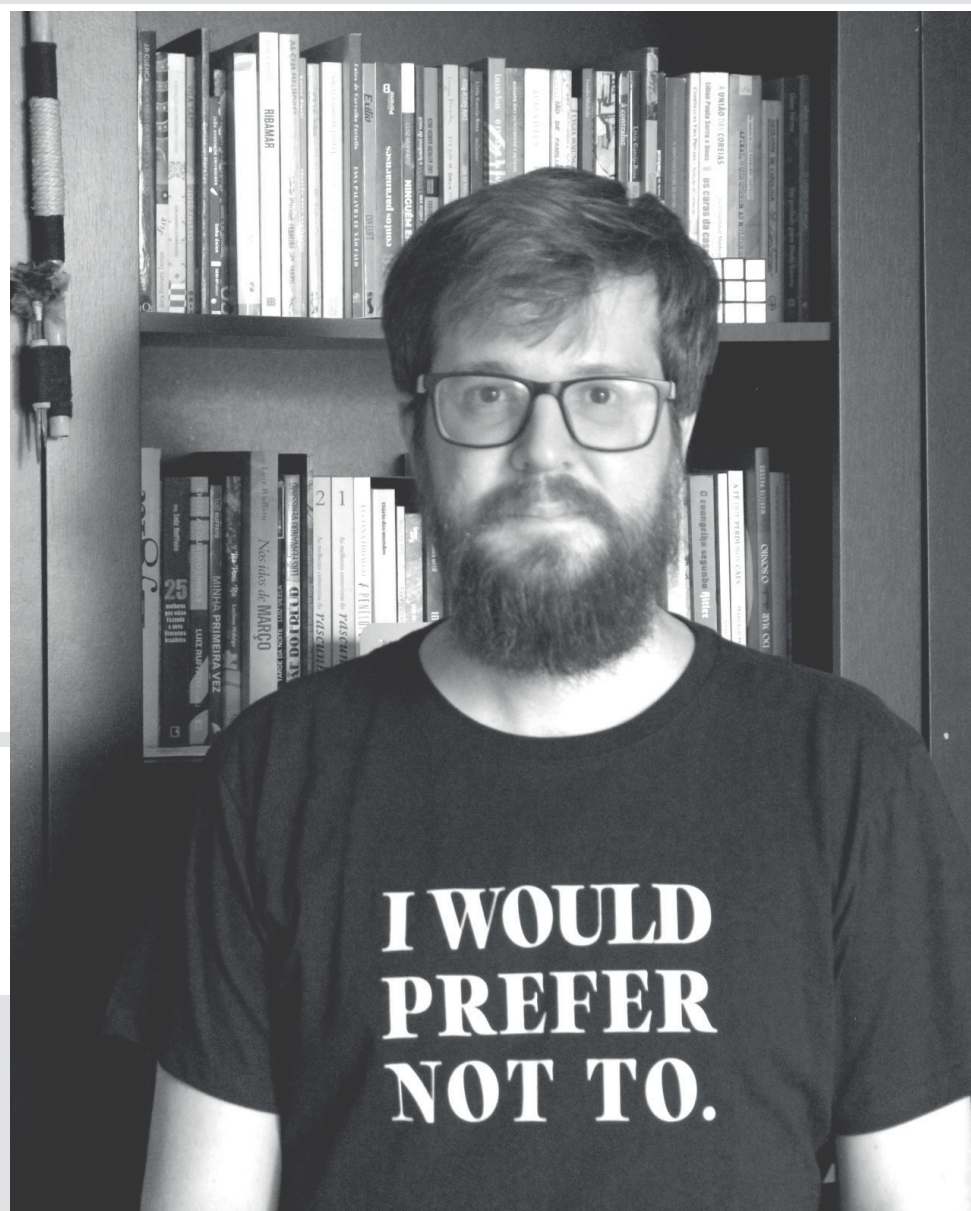
Carlos Eduardo Pereira

“Bruno Inácio é um contista incrível”

Bethania Pires Amaro

Bruno Inácio é autor de “Desprazeres existenciais em colapso” (Patuá), “Desemprego e outras heresias” (Sabiá Livros) e “De repente nenhum som” (Sabiá Livros). Escreve sobre literatura em veículos como Jornal Rascunho, Le Monde Diplomatique e São Paulo Review.

Compre diretamente com o autor pelo Instagram:
@bruno.s.inacio





Sossego da vovó

Sra. Minerva

Quando ela tinha 20, ele contava 15 anos, espinhas e punhetas. Sem muitas distrações, além de se preparar para a cerimônia de crisma, como era o desejo de sua mãe. O videogame não existia ainda e, mesmo que existisse, ele não teria um, a mãe acharia que é coisa de desocupado. Dava duro na lavoura com o pai e os irmãos. Ela com seus 20, poderia ser a Mônica, de “Eduardo e Mônica”, mas eles também ainda não existiam, e ela era uma moça que era preparada para ser uma boa dona de casa. Talvez alguma outra moça da idade dela pudesse fazer outra coisa, mas não pelas redondezas e nem pela extensão do Brasil todo, quem sabe na Europa.

Se conheceram quando a família dela foi contratada para cuidar de uma fazenda vizinha da qual cuidava a família dele. Mesmo com a diferença de idade, se olhavam famintos nas missas de domingo e passaram a, de vez em quando, rolar pelo mato numa esfregação que fez as punhetas ficarem sem graça, ainda que muito mais frequentes. O patrão decidiu que pagaria os estudos dele num internato. Talvez pudéssemos pensar que o garoto era um filho bastardo que ele queria esconder, mandar para longe, quem sabe. Mas isso seria muito clichê. Vamos dar o benefício da boa vontade para um patrão que queria, quiçá, especializar um de seus funcionários para o trato com a terra, já que não tinha filhos. Ou deixamos a história com este buraco mesmo, está em uso frequente isso na literatura.

O fato é que se desconstruíram. Ela contraiu matrimônio, filhos, netos, osteoporose, espondilite anquilosante, artrite-artrose, e um andador, com os esforços da assistente social da casa de repouso sossego da vovó. Os filhos, cada um prum lado. O marido morreu moço, com 79 anos. Ela contava agora com 92 e uma lucidez de causar inveja às colegas do sossego. Se pudesse, teria escolhido esquecer: viver todo o dia o mesmo dia, não saber onde está, ter alguém para ler todas as manhãs o diário de uma paixão. Todo dia o mesmo livro baseado no filme ou seria o filme baseado no livro, não sabia mais. Alguma coisa havia esquecido, claro. Nomes de filmes que gostara, nome dos netos, que nem tanto. Achava mesmo que as velhas cute-cute meu netinho lindo estavam fingindo ou loucas.

Um dia ele apareceu no sossego. Foi recolher as coisas restantes da mulher, que morava no quarto A-5 do bloco dois (isso ela foi checar depois, a memória recente não ia tão bem assim). Era ele, só podia ser ele. O menino do mato, o seu primeiro

roça-roça. Se bem que poderia não ser, pensou, e se sentiu como aquelas mães que depois de 30 anos ainda anunciam nas caixas de leite as fotografias dos filhos desaparecidos aos cinco. Qualquer um poderia ser o filho, assim como ele poderia ser qualquer velho que teria agora 87 anos. Mas decidiu que era ele (o amor às vezes é uma decisão).

— Você lembra de mim? — perguntou enquanto ele passava ao seu lado pelo pátio. Teria sido difícil chegar perto se precisasse se deslocar rapidamente com o andador.

Enlutado pela mulher e sem enxergar direito, não fazia ideia de quem era aquela criatura. Como já estava acostumado com as diabrites da memória senil, tanto a dele como a da recém-falecida, que já não o conhecia mais, foi um alento ser invocado por alguém da sua mesma faixa etária. Chegou bem perto e viu, sob a opacidade dos olhos lacrimejantes, uma cor de mel. Decidiu que lembrava dela, sim (a memória às vezes é uma decisão também).

— Lembro! — e deixou que recontasse a história de 72 anos atrás.

Ou seja, o mundo tinha dado cerca de 72 voltas em torno do Sol. Tantas voltas que poderia atacar a labirintite, pensou. Claro que ela omitiu a parte em que rolavam pelo mato, estavam em público. Uma coisa coincidia: ele também era cinco anos mais jovem do que ela, além da cor de mel parcialmente visível em seus olhos, que estava recoberta pela velhice, o que é justo, posto os seus mais de 90. Então, o que fez com que dentro dele faísasse algo por aquela exemplar humana quase centenária? Talvez a forma apaixonada com que ela contava sobre aquele garoto, talvez o desejo de ser lembrado daquela forma. Impossível saber.

— Lembro que gostava muito de cheirar seu cabelo.

Contribuiu com o enredo sem supor de que cor teria sido aquela penugem de algodão que recobria o crânio dela agora. Tinha elementos para entrar no personagem sem que ela jamais desconfiasse de sua identidade, até porque também crescera na roça e sabia bem como era. Podia mesmo ter sido ele. Aos 15 anos tudo é inesquecível.

As memórias passaram a ser criadas por ambos durante as visitas que ele fazia agora ao sossego todos os dias. Palavras preenchiem um amor sendo construído ali, no presente, com muito mais elementos, era uma paixão novinha em folha. Sem jeito para o primeiro beijo desta segunda temporada (a



mesma falta de firmeza nos lábios dos tempos de adolescência — o amor desconcerta em qualquer idade), preferiu convidá-la para um sorvete. Dada a autorização do filho responsável por ela, saíram para andar um pouco. Sem mãos dadas, igual antes, mas agora porque precisava segurar firme no andador. As voltas que o mundo dá, o tempo, a labirintite etc.

Repetiram o passeio algumas vezes ao longo das semanas até que foi tomado por um impulso: convidá-la para viver com ele. O lugar em que morava não era longe dali, a casa já não tinha as coisas da falecida desde um tempo depois da ida para o sossego. Queria matar as saudades de dormir de conchinha, quem sabe um roça-roça. Ela, totalmente lúcida, rapidamente fez os cálculos. Quatro semanas desde que o romance começara a se desenrolar, seus filhos não sabiam de nada, precisaria de autorização de ao menos um deles, mas mamãe tudo tão rápido não é assim precisa conhecer melhor, e deduziriam que começava a demenciar. Estava lúcida, mas quem disse que o amor precisa de lucidez? O amor é o caos.

Repleto de cocô de passarinho, o andador foi encontrado na manhã seguinte, sob as árvores da pracinha do bairro.



rio guarauninha

Hélio Ferreira

*O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.*
Alberto Caieiro

o rio no fundo da minha infância é um rio
de águas barrentas e lodo escuro, são águas
fugidias com cheiro de memórias fugidias.
forrado de folhas frescas e mortas, forrado
de saudade intermitente, corroído de saudade
no coração do menino que flui, no coração
do homem que já não é mais nem homem.

um homem pedaço de tronco, um homem
sem raiz, sem eira nem beira, cuja raiz
se perdeu nas curvas do rio, apodreceu, perdeu
sua origem e seu viço. sua sombra de origem
não toca mais o solo, nem o céu. não toca mais
os sonhos, nem os mais mesquinhos, sonhos...
sem folhas, sem galhos, sem frutos, sem mais nada.



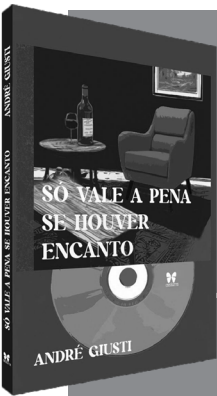
Museu do Livro Esquecido

Museu e gabinete de leitura para a história do livro



“O Triunfo da Vaidade: Matias Aires e suas Reflexões”,
exposição de 28 de junho de 2025 a junho de 2026.
Matias Aires, Typografia Rollandiana e gravuras em edições raras
para refletir sobre a vaidade e o fim da vida.
Biblioteca disponível para pesquisa.

Rua Santa Luzia, 31, Sé/Liberdade, São Paulo - SP, 01513-030
(11) 91853-6231
museudolivroesquecido@gmail.com



“Transitando pela fronteira imprecisa da
ficção e da autoficção, André Giusti relata,
neste monumental romance, a crise do gato de
meia-idade. Um personagem volúvel, por isso
contraditoriamente fascinante”

Sérgio Tavares

Só Vale a Pena se Houver Encanto,

de André Giusti. À venda em
www.caoseletras.com.br e na Amazon

2026: ADAPTAÇÕES IMBECIS QUE NINGUÉM PEDIU

É época de inovação! Aproveitando que hoje tudo é remix, *remaster* ou *re-boot* e, em breve, (1) todas as grandes produtoras serão algum braço porco da Netflix; (2) ninguém mais sabe como fazer dinheiro no audiovisual, afinal Netflix; (3) *tudo* será o *AI slop* mais barato e emburrecido possível (tipo série da Netflix), sugerimos aqui algumas ideias, ou melhor, *pitches* valiosos para alguma produtora (de preferência a Netflix) levar a sério. Contraturalmente, claro; não esteticamente (ui!): a ideia ainda é ser nada mais que uma ótima segunda tela, tentando não assustar muito os animais de estimação.

Com vocês, as melhores adaptações que ninguém pediu!



Sítio do Picapau Amarelo: uma adaptação Funko Pop

Se as adaptações LEGO vingaram, por que não as Funko Pop? Bom, antes de mais nada porque Funko Pop é uma maldição cafona. *Por isso mesmo*, seu potencial é ilimitado! Nesta adaptação nacionalíssima, mas com investidores europeus (bem clarinhos, aprovados pelo autor...), todo o sítio vira um desfile de cabeças desproporcionais e olhos mortos. Emília surge com o sorriso fixo de quem sabe demais e não vai contar nada, Narizinho perde seu nariz e Visconde de Sabugosa é pasteurizado a ponto de nem parecer mais um velho esquisito. A castração maior acontece com o pobre Saci, cada vez menos travesso. Ironicamente, ele perde toda a subversão ao virar um produto perfeitamente empilhável – e com alerta antifumo! Tia Nastácia não teve nenhuma repaginação, uma tentativa de reerguer a banda Tianastácia, pois o roteirista (versão gratuita do Claude, com incrível limite de uso) confundiu as coisas. É o Sítio do Picapau Amarelo reimaginado como ele sempre temeu: não um espaço entre o *freak* e o desconfortável, mas o absoluto colecionismo compulsivo, perfeito para fumar um *vape* com as crianças +30.

Jake Paul vs. 500 nóias de Fentanil

Para celebrar a verdadeira 'Murica, terra de *winners* e carros grandões, Jake Paul enfrentará seu maior adversário nas artes marciais: 500 *true Americans* completamente incapacitados pelos melhores opióides que o mercado entrega! Quantos nóias conseguem atingi-lo? Quantos conseguem chegar até ele? São todos entorpecidos ou alguns conseguem lutar com raiva? Acompanhe este evento ao vivo, batizado preliminarmente de Guerra do Fentanil, que renderá mais de US\$ 100 milhões a Jake Paul, orçamento que por si só não cobre os custos de transporte e consulta dos 500 nóias em L.A. Estes serão devidamente reaproveitados pela CIA, em nome da segurança nacional.





Sherlock Holmes & o excesso de liberdade

Domínio público é ótimo, a gente adora. Mas que tal deixar esse velho autista descansar um pouco? Já não enfiamos o britânico mais cheirado do mundo pré-Keith Richards em todos (*todos*) os cenários possíveis? Não! Nessa nova adaptação com roteiro “tipo” Charlie Kaufman (mas com tudo bem explicadinho pra audiência entender), Sherlock Holmes volta ao mundo junto de seu *pet*, Mickey Mouse Holmes, e dos colegas Ursinho Pooh Holmes e Popeye Holmes para desvendar um enorme mistério: ele precisa readquirir seus direitos de imagem para evitar novas adaptações cinematográficas em seu nome. Pera, existe um mundo pré-Keith Richards?



Charlie Kaufman por Charlie Kaufman: a vida dentro da minha bunda (ou Sinédoque John Malkovich Brilho Eterno Adaptação)

Neste filme extremamente elogiado na demografia de escritores, jornalistas e demais amigos em transição de carreira, o protagonista (chamado de “Charlie”, mas também de “Protagonista”) precisa escrever o próprio filme enquanto o filme acontece, ao mesmo tempo que lida com dilemas muito interessantes a qualquer cidadão, como a dura entrega de seu livro ou a estreia de sua peça. E aí tem uma namorada, alguma coisa assim, e no final o filme percebe que é um filme, embora prefira ser chamado de “autoficção”. Termina numa página de roteiro. Com Charlie Kaufman. Sei lá. Roteiro adaptado ao público brasileiro por todos os escritores que publicam “autoficção” ou aparecem nesses podcasts literários de fofoca.

Samurai Bebop: o Dorama (ou Boomer goes to Asia)

“Por que essas crianças gostam tanto do Japão? Por que minha filha quer visitar a *goddamn* Coreia? Qual a diferença entre Japão e Coreia? Como assim existem duas Coreias? Meu pai lutou contra qual delas?” é *exatamente* o que algum executivo (“C-level”) com poder de decisão (e “amor ao cinema” no currículo) está questionando *agora* em alguma “sala de descompressão” da Netflix. Por isso, *Samurai Bebop: o Dorama* promete o maior *slop* entre todos os *slops* de criação preguiçosa com viés americano. Sem trocar milhas, pés, Fahrenheit, jardas e, Meu Deus, isso já ficou cansativo. Enfim, um dorama, e a gente não sabe o que é dorama. A gente é boomer? *Okay, three, two, one, let’s jam!*

Mundo Pré-Keith Richards: o mundo

Uma série-documentário “tipo BBC” (mas com narração em IA para cortar custos) trazendo a história do mundo a partir dos olhos de Keith Richards, com efeitos especiais para cada substância utilizada durante o período retratado no episódio. Pior que essa ideia não é ruim, hein? – ou nosso parâmetro está desregulado, já que uma das ideias anteriores da estagiária incluía uma imersão de “Richards, o Little”, no mundo de *Avatar*. Se alguém tiver o contato do Keith Richards, manda lá. A gente troca os direitos por maconha.



Casa dos espíritos: Fantástico Visto de Cima

A fronteira dos gêneros é uma invenção do capitalismo ou até mesmo do mercado literário. Pensando nisso – e acreditando que nossas ideias devem ser livres para fracassar simultaneamente em vários gêneros –, *Casa dos Espíritos: Fantástico Visto de Cima* quebra a quarta parede ao trazer o melhor do realismo fantástico para gringo ver misturado ao célebre programa dominical “Fantástico”. No lead, uma verdadeira latino-americana chamada Eréndira (Jennifer Lopez) com filtro amarelo incorpora coisas estranhas ao ordinário, como baseball, com muita poesia e cenas inverossímeis, a exemplo de um singelo pug voador que também faz as vezes de cinegrafista. O pug representa a derrocada do sistema de informação diante das novas tecnologias, ao passo que seu parceiro, um guarda-roupa falante, representa o “potencial guardado” da América Latina. No fim, Jennifer Lopez também quebra uma quarta parede, isto é, literalmente – porque o roteiro também é de Charlie Kaufman! Ou, ao menos, a ideia de Charlie Kaufman de uma IA em sua versão gratuita. Por fim, ouvimos um rico diálogo: “wow, você quebrou a quarta parede?”; “sí”, responde a argentina J.Lo, “yo la broke it”, “porque aquí vive mi abuela desalmada”, para ninguém perder nada em sua segunda tela.

Ainda Estou Aqui 2: uma ode ao rock nacional

Para celebrar o sucesso do cinema brasileiro, que tal cumprir o papel intrínseco do capital e *vassourar* só um pouquinho? Chega de comentários políticos *chatos* e dramas familiares burgueses. *Ainda Estou Aqui 2* promete reconstruir a testosterona dos filmes de ação oitentistas, tentando equilibrar todas as explosões com o que há de mais indolente na nossa criação: o rock nacional dos anos 1980. Pra que almejar criatividade se você pode copiar “lá de fora” e rezar pra ninguém perceber? E é assim que Rambo (o Stallone já topou coisa pior) resgata Rubens Paiva na prisão (ele não morre no final do primeiro, né? Eu não assisti ainda!). Para muitos que leram a primeira versão do roteiro – basicamente, a IA trazendo reforço positivo para qualquer pergunta –, trata-se do melhor filme de IA de Sylvester Stallone desde *Os Mercenários* (2010) – e o primeiro com trilha sonora do Barão Vermelho.





MORTE DISCRETA DE GANG OF FOUR E ANDY GILL

Andy Gill (1956-2020) foi guitarrista do **Gang of Four**, banda ícone do pós-punk, gênero/movimento em que jovens universitários descobriram sons de origem latina e/ou africana. Basta ouvir meio disco dos **Talking Heads** para compreender o que estou apontando (e melhor do que a minha explicação atenciosa possibilitaria).

Não à toa, **David Byrne** (Talking Heads) foi responsável direto pela propagação de músicos brasileiros (e não só) para grandes centros – **Tom Zé** talvez como o caso mais emblemático. A história pormenorizada do pós-punk foi costurada por Simon Reynolds no livro *Rip it up and start again*.

Mas voltando ao Gang of Four. A banda de Leeds (Inglaterra) lançou *Entertainment!*, seu álbum de estreia, em 1979. Esse *debut* é tranquilamente um dos discos mais influentes da história, ou então entre pessoas que usam guitarras, ou no mínimo entre indivíduos que compram e discutem a perenidade de discos.

Lembro perfeitamente meu primeiro contato com Gang of Four. Foi por meio de um CD gravado por um tio (e espécie de farol estético). Portanto, ainda quando se gravavam CDs. Eu tinha 14, 15 anos. Naquele CD-R havia uma espécie de guia do que eu deveria escutar ou já deveria ter escutado.

Da banda, constavam “Natural’s not in it” e “At home he’s a tourist”, e ambas me marcaram. O Gang of Four dispunha de verve, angústia política e originalidade estética. Em *Entertainment!*, tudo é conscientemente rústico e encaixado: trata-se de um trabalho tão próximo do disco como da poesia – isso apenas com a formação tradicional de quarteto (voz, guitarra, baixo, bateria).

Entertainment! é, acima de qualquer letra crítica ao capital, dançante; o protagonismo do baixo na estrutura de suas músicas –

E N C L A V E

a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<<https://jornalrelevo.com/enclave>>



uma refrescante marca do pós-punk – atestava isso. E Andy Gill, de quem ainda falaremos, conseguiu desdobrar sua guitarra brilhantemente a partir disso.

A magia se repetiu – com menos efeito, mas ainda inegável qualidade (e talvez alguma inflação por parte da crítica) – em *Solid Gold* (1981), segundo álbum.

Conforme o tempo passava, no entanto, a banda perdia a capacidade de unir forma e conteúdo. Por fim, os discos posteriores aos dois primeiros passaram a soar cada vez mais datados, esquecíveis – e não há lista de Pitchfork que redima o mediano *Songs of the free* (1982), terceiro do catálogo. Seus membros pouco a pouco se dispersavam.

Com o julgamento distante, o Gang of Four parece um atacante que, depois de uma temporada extraordinária em time médio, nunca conseguiu se impor em palcos maiores (nesse caso, literalmente; que tal essa metáfora dentro de uma analogia?).

Em que pese o letramento dos integrantes, sua angústia política – a começar pelo nome, alusão à **Camarilha dos Quatro** da Revolução Cultural Chinesa – não se sobressaiu para além de uma revolta no mínimo mal aproveitada. (Essa é a interpretação bondosa; a maldosa veria a banda como críticos de DCE cuja fachada escondia um notável vazio.)

Então chegamos em **Andy Gill**. Ele chegou a produzir o primeiro álbum do Red Hot Chili Peppers ainda em 1984, e longe de mim agradecê-lo(s) por isso. Entre outras produções, reuniu-se com Jon King, vocalista original do Gang of Four, para uma retomada no início da última década.

Em 2011, lançaram um disco; em 2015, já sozinho novamente, Gill lançou outro. Finalmente, 2019 marcou seu último álbum.

São todos discos decentes, e não há por que não reconhecer o mérito banhado em alívio daquilo que poderia ter sido muito pior (e, novamente, talvez tenha havido certa inflação por parte da crítica, provavelmente por gratidão, visto que o crítico musical padrão cresceu tarado por Gang of Four).

Em maio de 2020, escrevemos sobre as mortes de **Aldir Blanc**, **Tony Allen** e **Florian Schneider**. E simplesmente não sabíamos, àquela altura, que Andy Gill havia morrido. Com ele, o Gang of Four – em definitivo.

Oficialmente, Gill, 64, morreu de pneumonia e falência múltipla dos órgãos. O problema: ele esteve na China em novembro e começou a apresentar sintomas hoje associados à Covid-19 em dezembro. Sua esposa, a jornalista **Catherine Mayer**, escreveu um relato detalhado a respeito da situação. Também é possível escutá-la falar sobre o doloroso desfecho à BBC.

Os sintomas acompanharam o círculo imediato do casal e da banda – a ponto de o gerente de turnê ser internado com crise respiratória logo após retornar à Inglaterra –, porém antes de a Europa identificar esses problemas como algo novo. “É possível que nunca saibamos se a Covid-19 matou Andy, mas eu sempre saberei, em detalhes indelévelis, como ele morreu”, registrou Meyer.

Tardamente, registramos nossa homenagem ao responsável direto por no mínimo um dos melhores discos de um período interessantíssimo da música no século 20. Muita coisa aconteceu e ainda acontece a partir do Gang of Four, cuja verve inicial transforma qualquer cínico no adolescente que abre um CD gravável pela primeira vez e, sem saber o que lhe espera, reage estupefato.



Cláusula mágica

Maurilio Montanher

Ícaro não perdia um dia na Barra Pesada. Não se importava que o lugar tivesse fama de ser frequentado por traficantes, prostitutas, ex-presidiários. Tinha certo apego pela região da academia, onde cresceu. Também não ligava para a alcunha que lhe atribuíram. Talvez por conta de seus chapéus pontudos e pingentes brilhantes, ou pelo fato de estar sempre lendo alguma coisa, era conhecido no lugar como Nerd.

Como os demais frequentadores, Ícaro ganhava dinheiro de modo escuso. Por isso, sobrava muito tempo para os treinos. O seu problema era a distração. Na maioria das vezes, esquecia-se de sair do aparelho quando pediam para revezar. Após sua sessão, delongava-se lendo algum livro de bolso ou olhando fixamente o celular. Isso fazia com que algumas pessoas se sentissem zombadas e desistissem de alternar com ele. Por outro lado, havia quem não deixasse de expressar irritação:

“Não tá vendo que só tem um puxador disponível?”, questionou Rômulo, um sujeito de ombros largos. Estava acompanhado de seu personal, um jovem barbudo e tatuado.

“Sim.”

“Então precisa sair do lugar pra revezar. Ou tem que ficar te lembrando toda hora?”

“Se não me lembrar, eu esqueço.”

“Por que não vai pra uma academia de shopping, irmãozinho? Combina mais contigo.”

“Gosto daqui. Estou me fortalecendo bastante.”

Rômulo e o personal se entreolharam, disfarçando o riso.

“Olha, Nerd, tenho uma proposta”, disse o brutamontes, “Também me sinto forte, e acho que só cabe uma pessoa fortuna como a gente por aqui.”

“Não entendi.”

“Que tal um mano a mano, nós dois. Quem perder, não pisa mais na Barra Pesada.”

“Um duelo?”

“Pode chamar como quiser.”

“Vale usar magia?”

Rômulo encarou o personal, que devolveu o olhar interrogativo.

“Fica à vontade. Só precisa me encontrar amanhã, ali no terreno do lado da academia, nesse mesmo horário.”

“Podemos firmar um contrato?”

Na recepção da academia, Ícaro formatou um contrato simples, com as seguintes cláusulas:

- 1) Considera-se derrotada a parte que não puder mais se levantar ou manifestar desistência;
- 2) A parte derrotada obriga-se a cancelar sua matrícula na Academia Barra Pesada e não frequentar o local pelo período de 100 (cem) anos;
- 3) O descumprimento contratual enseja a obrigação de pagamento no valor de R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais) à parte contrária;
- 4) É permitido o uso de magia.

As duas partes assinaram. O personal assinou como testemunha.

No dia seguinte, havia uma pequena plateia no local. Ícaro e Rômulo estavam com roupa de treino. Ambos frente a frente, o personal contou um, dois, três, valendo! Ícaro sacou sua pistola com silenciador. Um disparo certeiro estalou no joelho de Rômulo.

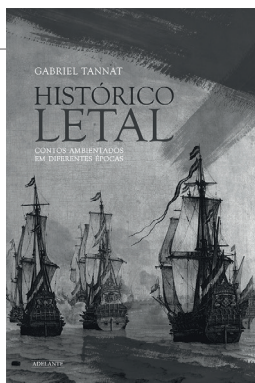
“Que porra é essa?”, gritou o brutamontes.

A plateia ficou muda, o personal deu um passo atrás.

“Não consegue se levantar, né? Pode mudar de academia, então.”

“Arma não estava no acordo”, afirmou o personal.

“Vocês têm uma visão muito restritiva de magia.”



HISTÓRICO LETAL

Gabriel Tannat

A obra é composta por contos ambientados em diferentes épocas que foram escritos a partir de exaustiva investigação antropológica e historiográfica. O cenário principal é o Nordeste do Brasil durante o período colonial, especialmente quando os neerlandeses estavam na região disputando com os portugueses o comércio de escravizados da costa oeste da África.

Adquira via estantevirtual.com.br/livro/historico-letal-contos-ambientados-em-diferentes-epocas-HTH-4791-000
www.amazon.com.br/dp/B0CK7C1SWG | Ou entre em contato com o autor: gabrieltannatlivros@gmail.com



exercício de escrita esquizoanalítica

Matheus Florio



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

sentado no Bosque Marechal Cândido Rondon Londrina Paraná no fim de tarde não há como se concentrar em nada:

as pombas voam e cagam voam e cagam voam e cagam e as máquinas são máquinas de máquinas e nada mais

vejo as luzes dos postes que acendem e apagam todos ao mesmo instante para se reacenderem quase todos ao mesmo tempo com exceção de alguns poucos que em constelação significativa se reacendem sem ordem linear. Me pergunto se não seria essa a consequência da incontável quantidade de pássaros urbanos que fazem de seu dormitório o Bosque: a bosta cai nos sensores de luz das lâmpadas dos postes e simula a noite — eles se acendem; ela escorre na terra da mata com algumas árvores nativas outras plantadas (não serão todas elas plantadas?) e a réstia de luz do sol que ainda passa pelas árvores e pelas sombras das aves amargosinhas as faz novamente apagar.

Ora, a bosta é máquina de cobrir o sensor e o sensor é máquina de acender/apagar a luz do poste. Funcionalmente para o sensor dos postes bosta=noite; ausência=-de-bostadia. A bosta que cai no chão após acender/apagar a luz do poste é máquina de adubo para o solo que é máquina de ambiente vital para as minhocas. Fato interessante: há alguns caçadores de minhocas em pleno centro urbano de Londrina Paraná o supermercado do mundo. Seria esse supermercado abastecido pela merda? Funcionalmente para o supermercado do mundo bosta=abastecimento-de-estoque; ausência-de-bosta=falência. Precisamos da bosta para destruir o planeta.

Eis que eu me sento para fumar e é apenas isso o que importa as máquinas são máquinas de máquinas sem metáfora.

Quem é o cigarro? Me pergunta Pedro meu analista. Estou há 7 anos interruptamente em relação com ele me pergunto se devo trocar de analista pois parece que às vezes não saio do lugar para onde quero ir? E eis que ele me pergunta (já faz 5 semanas que ele perguntou): quem é o cigarro? E então me olha com um sorriso pois ele percebeu e me aponta: é esse sorriso mesmo isso é muito lindo. Quem é o cigarro? O que se faz em uma análise é interminável.

Pois bem: a mão é a máquina de enrolar cigarros os cigarros são uma máquina de força elétrica. A boca é uma máquina de chupar seios e cigarro. A fumaça do cigarro é uma máquina de rasgar a garganta torcê-la da raiva descontrolada dizer: odeio sim Eu. A garganta e os buracos são salas de máquinas: o ouvido se coça para se ouvir melhor; a uretra faz mijar, faz gozar; máquina acoplada: o cu pisca como uma estrela. Do mar. Há toda uma civilização dentro da fábrica. Penso na estrela e o infinito: um dia não estarei mais aqui. A boca é uma máquina esquizofrênica de poesia que precisa de bosta=abastecimento. A fumaça do cigarro é o carvão. Funcionalmente para mim cigarro=vida=destruição. E a questão que fica não se pode tirar a destruição da vida como então tirar a vida da equação?

((((((((((((OU O CIGARRO...))))))))))))))



Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com | [@hechoporcami](https://www.instagram.com/hechoporcami)

PSICOTRÓPICOS DE CAPRICÓRNIO NA ILHA DA TRINDADE: um livro péssimo. O protagonista é um nóia. Os etês são chatões, não são greys cabeçudos. A Marinha do Brasil é criticada. Tem pouca caça Submarina. Muita natureza para pouco tiro. Pontos positivos: não tem sexo, e o nóia arca com as consequências de seus atos no final. Eu acho.

UMA DROGA DE LIVRO!

Não, você não entendeu nada, irmão. É que o livro é sobre a impermanência da vida e uma crítica à supremacia humana sobre os demais táxons animais nesse antropoceno nefasto; é uma ode à natureza selvagem usando a trama humana como plano de fundo, reduzindo suas angústias a dramas insignific...

É APENAS UM LIVRO SOBRE UM NÓIA.

@escritormayorga

HECHO por Cami

Somos um ateliê de cerâmica artesanal em Curitiba, com produção própria de peças para venda à pronta entrega (na loja física e site) e também de peças personalizadas sob encomenda. Oferecemos aulas regulares e oficinas pontuais de cerâmica. O nosso espaço em si é super gostoso, vale a visita inclusive aos curiosos.

Estamos na Alameda Presidente Taunay, 681, Batel, em Curitiba

hechoporcami.com | [@hechoporcami](https://www.instagram.com/hechoporcami)



A Bolinha

Rebecca Trevisan

Era manhã de domingo e o sol entrava bege pela cozinha. A água para o café quase fervia e os passarinhos não faziam barulho algum.

O ar tinha cheiro de chão de taco aquecido por raios solares vindos de milhões e milhões de quilômetros de distância. M.F. acendia seu primeiro cigarro do dia.

Pensava no que devia fazer e no que devia não ter feito. Via nos domingos quase um portal de análise do tempo. Havia mais clareza quando a semana já passou e ainda vai começar.

Enquanto as fumaças da água fervente e do cigarro incandescente subiam, pairavam e se desfaziam pelos feixes de luz vindos da janela, M.F. estranhava a quietude.

Outrora farta e saturada pelos ruídos e picuinhas provenientes de toda uma vida semi corporativa em Belo Horizonte, agora M.F. amadurecia, e encarava apenas a sua própria companhia.

Sua casa era pequena e toda de madeira. Não sabia o nome da árvore que a havia gerado e nem em que terra crescera. Mas por algum motivo sabia que era muito, muito mais velha do que aparentava.

M.F. encontrou nesse casebre a liberdade e autonomia que a cidade a negava. E por isso, pintava. Não necessariamente coisas ou seres. Mas algo que lembrava os dois e, por vezes, nenhum deles. Não ligava para a ciência da arte e frequentemente misturava mídias imiscíveis. Óleos e acrílicas. Aquarela e giz de cera. Camadas e camadas de coisas que eram forçadas por M.F. a ocupar o mesmo espaço. E então o faziam, graciosamente.

O bule já apitava. Os passarinhos permaneciam calados. M.F. notava que ela mesma permanecia calada há algum tempo.

Desde que se mudara para o interior, M.F. interagia com cada vez menos pessoas. Não falou com ninguém na semana que passara, e não falaria com mais ninguém na semana por vir. Era bom e era ruim, concluía enquanto passava o café.

Acreditava que só ela compreendia a si própria. Já havia tentado ser percebida por outras pessoas, umas bem e outras mal selecionadas, e o resultado era sempre parcial. Uma parte dos seres encontrava nela um vácuo a ser preenchido com projeções e fantasias. Outra parte encontrava coisas demais — diversas e separadas. Eles não tinham mãos para pegar tudo então pegavam aquilo de interesse e o restante de M.F. deixavam para trás. Ninguém nunca havia a percebido em sua totalidade.

O café estava pronto e M.F. ainda divagava e os passarinhos ainda estavam mudos e ela acendia seu segundo cigarro do dia. Foi nesse momento que algo entrou em sua casa. Não era uma esfera muito grande, mas do tamanho aproximado de uma bola de frescobol. Lembrava vagamente uma bola de sabão, com a diferença de que era ligeiramente mais consistente e tinha a transparência afetada por uma luminosidade que tomava conta dela quase em sua totalidade e que a tornava mais translúcida do que propriamente transparente.

A bolinha flutuava pela cozinha, em torno de M.F., e ficou muito claro que a estava observando. A certa altura, pareceu querer comunicar-se com ela, uti-

lizando seus agudos e curtos, como se fosse uma vozinha emitida por uma garganta minúscula e que, portanto, não poderia alcançar uma amplitude compreensível.

Quando se deu por si, o cigarro em suas mãos havia queimado por completo. M.F. nunca mais acendeu outro.



tempo de demolição

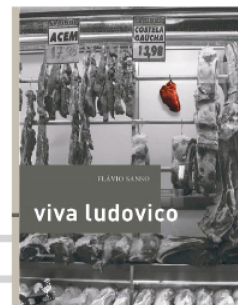
Isloany Machado

Uma casa e seus quatro habitantes compõem uma família em demolição. O primeiro golpe, que culminará na ruína, será dado pela verdade. Afinal, o que destrói uma família nos moldes burgueses não é a mentira, como se poderia crer. Mas o que fazer quando os olhos veem as cenas do desamor, do ódio, das suspeitas de traição? Assim como um corpo, a casa vai perdendo móveis, revestimentos. Como a casa, as pessoas vão perdendo pedaços. Há uma anomalia no coração da casa: ela não possui banheiro social, de modo que o único existente liga dois dormitórios. As pessoas de fora, visitantes, hóspedes, só podem acessá-lo atravessando a intimidade dos adultos ou das crianças. Em tom ácido, o narrador nos apresentará, pouco a pouco, as demolições de alguns ideais como família, religião, casamento etc.

R\$ 50,00

www.mireveja.com





Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

redemacuco.com.br
20 anos

*você tem
um livro de poesia?*

*nós temos
seus leitores*

*envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia*



OLHOS DE CAFÉ

Snider Washington Diniz Marques



Empurrei as teimosas fatias para dentro da torradeira. Girei o emperrado botão e caminhei até a mesa. Despejei o líquido quente da garrafa no copo; parte escorreu pela borda, empoçou no pires, sujou a toalha.

Como pode nada nunca dar certo?

Catarina fitou-me. Seu chá esfriava na xícara, suas torradas aguardavam manteiga, Catarina aguardava meus olhos. Estes, covardes, repousados na mesa.

Natural pensar que eu conhecia aqueles olhos, mas isto é impossível... Catarina tem a mesma face para a qual eu disse “sim” no altar há quinze anos, desenha ainda a mesma cintura, cultiva a altura dos mesmos cabelos, veste as mesmas cores, traça o mesmo andar, calça os mesmos modelos. Mas os olhos são sempre inéditos.

Impenetráveis, negros e inéditos.

Eu não podia encarar, não assim, não hoje, não agora. Olhá-los seria desnudar-me; os olhos dela enredam-me, me dão seu nó. Leem em minha retina os sentimentos que não se perfazem em minha face. Os olhos de Catarina minam-me, denunciam minha falta, pedem-me por mais.

Como pode nada nunca dar certo?

Catarina umedeceu a ponta do indicador, virou a página de seu livro. Entreabri a boca na esperança de dizer as palavras que eu não tinha, preenchi o vazio da frase com o amargor do café. Catarina, que odiava café forte, ainda olhava-me insólita. Bati, estupefato, o vidro nos dentes. Vi-me no líquido aturrido, soltei com aspereza o copo na mesa.

Queria dizer que ainda vai dar certo, que há ainda infinitas possibilidades de dar certo, mas há, na verdade, a cada ocasião, menos de nós e mais do concreto. A ausência de um culpado não exclui o amargo da culpa. Eu queria gritar: Catarina, a culpa é sua!

Como pode nada nunca dar certo?

Fazia-se frio, fazia-se um espaço intransponível. Fazia-se o fim. Fazia-se o oco da vida posta diante dos olhos, fora do alcance das mãos.

A toalha da mesa tocava o chão. O café que escorrera sobre o tecido representava agora uma mancha profunda, alastrada e incorrigível, condenava a toalha. O silêncio recaía como orvalho, os instantes se empurravam como operários servindo à obra de um tempo inevitável. Não havia mais o mundo lá fora; existia a porta e existia o agora.

Catarina cruzou as pernas, colocou sobre a mesa seu livro, marcou-o com a palma de uma das mãos,

retirou delicadamente a xícara do pires, levou-a aos lábios, molhou as palavras, a garganta, respirou profundamente, encheu-se do aroma das ervas, engoliu o líquido, o medo, soltou o ar, a coragem, a voz.

— Lembra quando sonhávamos com tudo isso? Como dedicávamos horas aos planos e despendíamos toda nossa energia em simplesmente pensar em como seria? Lembra como éramos felizes? Lembra? E hoje... hoje a gente simplesmente tem... a gente simplesmente é... Imersos no que não nos falta, não nos sobrou o imprescindível. Não nos sobrou aquilo pelo qual se deve amar.

Entreguei, finalmente, devoto e vencido, os meus olhos aos olhos marejados de Catarina. Sinuoso, opaco, vi-me refletido no escuro de seu globo, na profunda escuridão de seus olhos. Nadei em seu mar salgado, tremeluzido, encarei, ao mesmo tempo, a ela e a mim, pensei na sinceridade de suas palavras, ofendi-me com a verdade, disse, em defensiva:

— Mas, Catarina, o que é amar?

Ela depositou, então, a xícara na mesa, reclinou-se na cadeira, cedeu os ombros, respirou fundo, fechou os olhos, o livro, a face, a esperança, o coração.

— Amar, Eduardo?

As torradas subiram, rígidas, secas, sólidas, queimadas. Um frio inesperado entrou pela janela, um vazio engoliu tudo, uma certeza pôs-se ao pé do que sobrou. Não sobrou nada.

— Amar é desistir de morrer.



Praça República Juliana, 153
Laguna-SC



Les Trois Roses

Bianca Faciola

Gosto quando me telefonas nos horários mais imprevistos e logo te apressas a perguntar se me incomodas. O ritmo nervoso da tua voz não deixa disfarçar a ânsia de falar o que tens a dizer, misturada com o receio de que me encontres numa má hora. Mesmo que a hora não seja das melhores, quase sempre faço o tempo esperar, para que eu te possa ouvir. Não sei qual de nós é o mais insano. Se tu, que me descarregas uma enxurrada de ideias e histórias sobre pessoas que não conheço, as mais das vezes desconexas, ou, se eu, por escutar tudo avidamente, procurando beber todas as tuas palavras, como se fossem o elixir dos deuses. Palavras que te saem quase sempre emboladas, difusas, obscuras, talvez em consequência dos teus antidepressivos, ansiolíticos ou ainda dos teus *whiskies* — ou, se calhar, eu devesse dizer do teu *whisky*, já que te encontras numa fase em que só bebes *Laphroaig*, quinze anos, é preciso frisar esse detalhe. Enquanto a mim, cabe ficar com todos os sentidos atentos e fazer um esforço tremendo para te conseguir entender e acompanhar o teu raciocínio itinerante. Tem graça quando às vezes te digo alguma coisa que subitamente achas interessante e logo tu te pões a desligar o telefone, como se eu pudesse, desafortunadamente, dizer no segundo seguinte uma bobagem qualquer que te estragasse o encanto.

No outro dia estavas eufórico quando me chamaste para um café em Sintra. O tempo revelava-se medonho, chovia a píncaros e o vento impiedoso tornava o frio ainda mais cortante. O mesmo vento que te desalinha os cabelos e deixava transparecer aqui e acolá algum fio prateado, denunciando os anos que por ti passavam. Mas dizias que só assim se podia ir àquela vila, longe dos turistas barulhentos, para saborear, com a devida tranquilidade, as queijadas que aprendeste a gostar com o João da Ega. O teu pedido era sempre o mesmo: um galão forte e escaldante e três queijadas. É sempre divertido ouvir-te pedir alguma coisa. És incapaz de escolher algo tal qual está no cardápio ou de deixar de fazer

alguma recomendação por menor que seja. Não te atreverias a dizer simplesmente “um galão”, pois tens a certeza de que não viria do teu gosto. E acredito que tenhas razão. Pois tu sempre tens razão. Ou assim me fazes crer. Eu, do teu lado, esqueço todo o senso crítico e creio absolutamente em tudo o que afirmas, como se fossem palavras dignas de um evangelho imaculado ou de uma filosofia muito transcendental que só tu alcanças o sentido.

Estávamos acomodados ao fundo do café. Gostavas de te sentar no local mais reservado, onde pudesse haver menos pessoas ao teu redor. Ou havia dias em que preferias ficar ao lado de uma janela, como se isso te abrisse um outro caminho ou te possibilitasse agarrar a vida, caso ela resolvesse fugir de ti. Passavas de um assunto ao outro sem estabelecer uma relação lógica entre eles. E eu tinha a sensação de que me querias dizer alguma coisa, mas, provavelmente, ainda não era o teu momento. Fazias um jogo contigo mesmo que consistia em não dizer algo que querias dizer e reter as palavras até não mais conseguir refreá-las. E então despejavias tudo de uma vez, como se fosse uma grande revelação, um segredo escabroso ou alguma iluminação esotérica. Mexias a perna com agitação para cima e para baixo. Reparei, então, numa leve nódoa nas tuas calças verde-musgo de veludo cotelê, na altura da coxa. Logo desviei o olhar, pois não queria que tu o percebesse. Uma nódoa na tua roupa era algo de insuportável para ti. Poderias ser desleixado em relação a qualquer outro aspecto. Mas não poderias vestir uma peça manchada. Uma das tuas inúmeras idiossincrasias em que eu tanto acho piada. De súbito, interrompes os meus devaneios e me chamas para deambular pelas ruelas.

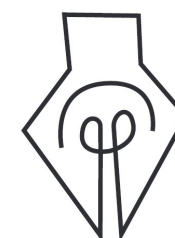
A chuva agora estava fina e o vento já não soprava tão forte. As poças d'água que se formavam aqui e acolá no passeio justificavam a minha escolha pelas galochas que resolvi calçar nesse dia. Enquanto caminhávamos, durante um silêncio e outro, eu pensava na quantidade de trabalho atrasado que eu

tinha a fazer. E, em vez disso, desfrutava de uma tarde ociosa contigo em pleno meio da semana. Foi quando passamos em frente a uma casa de chá que nenhum de nós conhecia. Eu sabia que seria uma parada obrigatória, pois tu adoras salas de chá. És muito *british*, herança das temporadas que passaste em Londres. Apesar de sempre gostares de afirmar que foram os portugueses que introduziram o hábito de tomar o chá em Inglaterra, por meio da Rainha Catarina de Bragança.

O ambiente era aconchegante. Gostei do facto de que tudo ali estava à venda. Havia pequenas etiquetas presas a todos os objectos. Das chávenas às lamparinas e poltronas. Tu achaste a decadência. Eu achei um charme. Eras sempre do contra. Gostavas de estar na contramão de tudo. Talvez precisasses de te sentir especial. O papel de parede em tons de carmim e com pequenas flores em relevo aquecia o salão. Tu pediste um chá preto do Ceilão com casca de laranja. Sempre gostaste do chá a queimar-te a língua, o que antecedia as tuas palavras que também queimavam. Passaste a contar sobre a escapadela que deste a Paris no último final de semana. E eu, que já te imaginava a passar horas e horas confinado em algum museu da cidade e a contar-me tim-tim por tim-tim a respeito de alguma exposição que te arrebatou o espírito, fiquei atordoadada ao saber os detalhes mais íntimos da tua aventura pela atmosfera *after hours* de Pigalle. Estavas ainda ébrio por uma dama que conheceste no *Les Trois Roses*: uma francesa da Martinica esculpida por Rodin, para usar a tua expressão, e por quem cogitaste permanecer em solo francês por tempo indeterminado. Mas lá a razão te chamou de volta à realidade e cá estavas novamente em terras lusas. Ou ao menos o teu corpo estava presente. Pois eu tinha a nítida impressão de que uma parte de ti não tinha voltado. Talvez um importante componente do teu ser estivesse ainda vagando pela *Rue Jean-Baptiste Pigalle*. Provavelmente o cérebro, desintegrado em inúmeras partículas de néon.

Frequentaste o tal café todas as noites e passaste os dias a dormir no teu hotel. Exausto, a recuperar as forças de um corpo que já viu melhores dias. Não te imaginava indo a Paris para turismo sexual. Mas foi o que fizeste. Pergunto-me se já tinhas a intenção ou se o acaso ou uma fortuita curiosidade te levou àquele lugar. Nunca foste dado a paixões inconsequentes. Apesar de contares alguns casamentos desfeitos na tua jornada, não me parece que uma aliança te fosse unir a uma bela meretriz parisiense. Mas enquanto bebo o meu chá vermelho, que, à essa altura, já começa a esfriar, e à medida que desenrolas o novelo da tua volúpia de final de semana, passo a me preocupar com a tua sanidade. Já te ouço a fazer planos de retornar em breve à alcova da tua *Paris by Night* à procura da tal diva.

Percebes o meu ar preocupado, o cenho franzido, e te apressas a dizer que isso não é nada. Que apenas queres lá voltar e ver o que acontece. Resolvo não te levar a sério e encarar o teu *frisson* como mais uma das tuas excentricidades. Sim, pois és um excêntrico e não um louco. E digo isso mais por teres nascido em berço de ouro do que propriamente por não te encaixares em alguma categoria DSM de transtornos mentais. Terminas, então, o teu chá e seguras a chávena de porcelana com cuidado. Afinal, dizes que vais levá-la, mesmo que ao princípio não te tenha agradado a ideia de lá tudo se poder comprar. Depois de estranhar o teu rasgo consumista por breves segundos, fazes-me ver que no fundo da tua xícara há três rosas pintadas à mão. Dás-me um sorriso debochado e eu fico sem saber o que fazer de ti.



DITOS & ESCRITOS
leilamariaflesch.com



Ode à Besta Adormecida

Liana Albuquerque Zeni

Homem,
teu coração é um mercado úmido,
um porão onde se vendem facas cegas,
velhas moedas com a coroa apagada
e uvas que ninguém ousou esmagar.

Tu,
que cantas canções ao luar com a boca suja de pó,
que ergues estátuas de mármore aos teus heróis
e depois regurgitas em suas bases às escondidas,
que chamas de amor ao ato de possuir,
de engolir, de marcar com ferro a carne mais fraca
como se fosse gado para teu celeiro vazio.

Oh, grande espécie,
que te enfeitas com as penas roubadas de pássaros sofridos
e depois danças sobre os ninhos pisoteados!
Inventas deuses à tua imagem:
cruéis, sedentos, com mãos vazias
e uma fome voraz de pobres destinos.

E o amor,
tua palavra mais manchada,
tua bandeira esfarrapada!
Amas como quem cava uma sepultura:
com método, com suor,
e depois admiras o silêncio que plantaste,
regado com saliva e promessas baratas.

A cidadezinha miserável do teu peito,
com suas praças de cimento
e seus relógios parados,
é recôndito de fantasmas que não têm mais a quem assombrar.
Tu, que abres a geladeira sob a luz ofendida da madrugada
e lamentas a solidão, enquanto dobra os joelhos em templos de ouro
para pedir mais pão, mais vinho,
mais cobre, mais chão para colocar teus pés imundos.

O velho rio já não tem paciência.
Ele te devolve tuas oferendas parcas:
as alianças sem dedos,
os livros sem letras,
os espelhos que só refletem o dente,
o canino, o afiado,
o que rompe a carne do mundo
e depois chora lágrimas de gasolina.

Não,
não te abandonou a alma.
Está contigo,
é o caroço do fruto que te engasga na garganta árida,
é o musgo verde que cresce no teu umbigo,
é a sombra que te segue mesmo sob o sol mais reto, uma testemunha feroz e muda.

E ainda assim,
com feridas abertas como portas,
com o hálito pesado da mentira ancestral,
te arrastas para o espelho todas as manhãs
e dizes teu nome com solenidade, como se fosse uma oração,
como se fosse algo mais que um osso roído
jogado no quintal escuro da história.

Eu,
com as mesmas mãos sujas,
o mesmo fogo mudo no ventre,
escrevo estas linhas com fúria de cúmplice,
que reconhece no teu vício o mais eficaz veneno,
e, mesmo assim,
ergo a taça e brindo contigo,
irmão,
carniça gloriosa,
filho da terra que te consome
num banquete sem fim.



Dica de filme: “Phoenix”, de 2014, dirigido por Christian Petzold. Um dos meus favoritos

Pontos de distribuição do Jornal Relevo

<i>Alagoas</i>
MACEIÓ
Livraria Novo Jardim
<i>Amazonas</i>
MANAUS
Kalena Café
O Alienígena da Amazônia
Sebo Édipoeira
<i>Bahia</i>
JUAZEIRO
Sebo nas Canelas
ILHÉUS
Badauê Livros, Discos e Café
SALVADOR
Bibliotecas Comunitárias de Salvador (RBCS)
Livraria Escariz
<i>Ceará</i>
FORTALEZA
Rede Jangada Literária
Reboot Comic Store
<i>Distrito Federal</i>
BRASÍLIA
Los Baristas Casa de Cafés
Oto Livraria
Quanto Café
<i>Espírito Santo</i>
DORES DO RIO PRETO
A Cafeteria
<i>Goiás</i>
GOIÂNIA
Livraria Palavrear
<i>Maranhão</i>
SÃO LUÍS
Rede Ilha Literária
<i>Mato Grosso</i>
CUIABÁ
Raro Ruído
Tcha por Discos - Vinyl Store
<i>Mato Grosso do Sul</i>
CAMPO GRANDE
Banca Modular
Ramita Cafés
DOURADOS
Livraria Canto das Letras
<i>Minas Gerais</i>
BELO HORIZONTE
Amoras Café
Café CentoeQuatro
Editora UFMG
Livraria da Rua
Livraria do Belas
Livraria Dona Clara
Livraria Jenipapo BH
Livraria Outlet de Livro
Quixote Livraria e Café
CÁSSIA
Livraria da Praça
ITAJUBÁ
Lume Livraria
Sebo da Cris
JUIZ DE FORA
Banca Vera
OURO PRETO
Rena Café
POÇOS DE CALDAS
Sebo Travessa Cultural
POUSO ALEGRE
Sebo Santa Sofia
SABARÁ
Sou de Minas, Uai
SÃO JOÃO DEL REI
Adro Mais Centro Cultural
Livraria Café Itatiaia
Taberna D'Omar
SÃO TOMÉ DAS LETRAS
Caverna Café
TIRADENTES
Cafeteria Tiradentes
UBERABA
Lemos & Cruz Livraria
UBERLÂNDIA
Maranta Livraria
Domus Brasilis Livraria
Samsara Espaço Esotérico
<i>Pará</i>
BELÉM
Rede Amazônia Literária
<i>Paraíba</i>
JOÃO PESSOA
Abô Botânica e Café
SOLÂNEA
Binário Café
<i>Paraná</i>
ARAUCÁRIA
Boutique Café
Casa Eliseu Voronkoff
Panificadora El Grano
Porão Cavalo Baio
COLOMBO
Livraria e Papelaria Colombo
Parque Municipal Gruta do Bacaetava

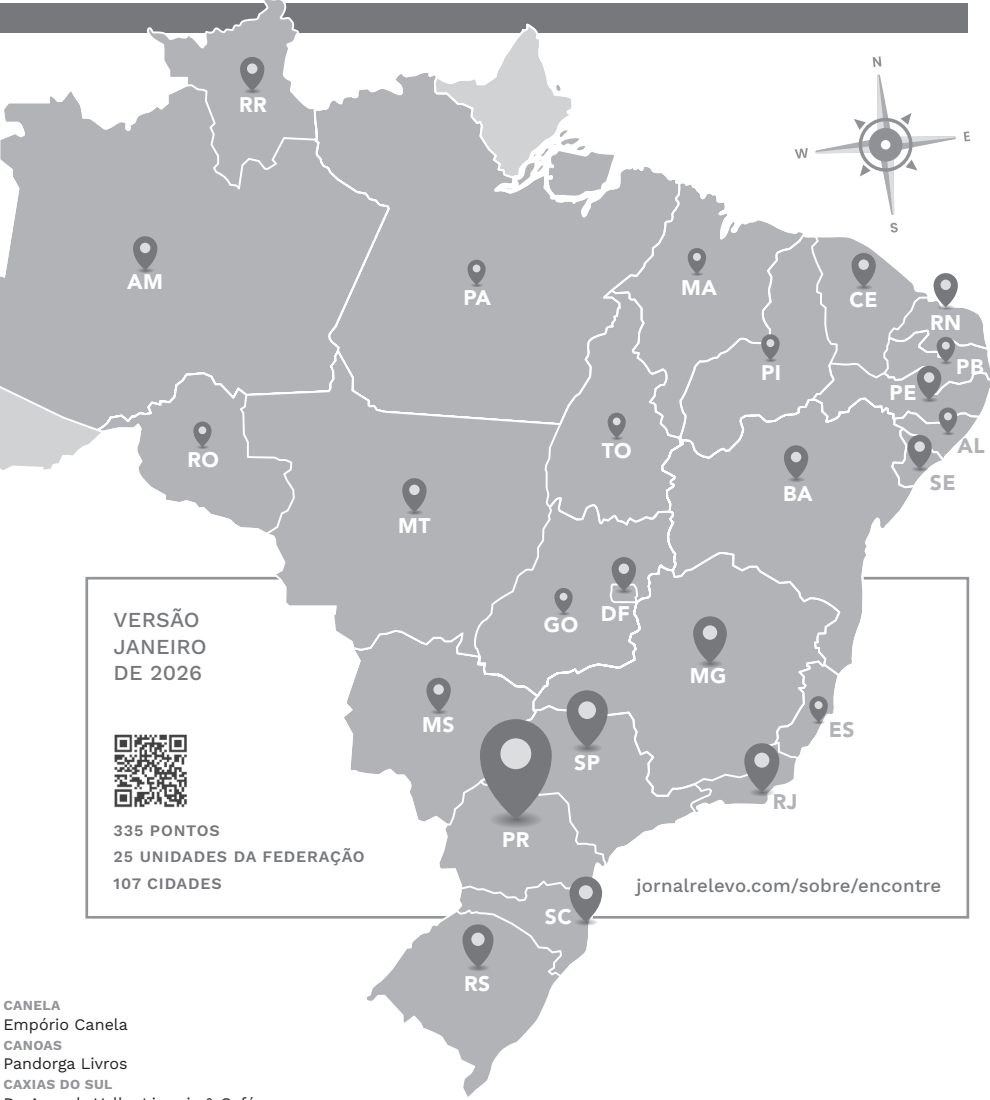
CURITIBA
Abuela Plantas
Ah! Cafeteria
Ainda Bem Café
Arcádia Sebo & Café
Argenta Cafés
Asteristico Café
Ateliê CADERNO LISTRADO
Baba Salim
Bardo Tatará
Bar Invasão do Teatro
Bar Makiolka
Bar Otelô
Ben Café
Biblioteca Pública do Paraná
Bondinho de Leitura da XV
Botanique Oásis
Brise Bar
Café & Confeitaria Avenida
Café 217
Café Cultura (Cabral)
Café do Canto
Café Degusto
Café Encantado
Café do Espaço
Café do Mercado
Café do Van Gogh
Café do Viajante
Café e Livraria Solar do Rosário
Café Lisboa
Caffè Per Tutti Centro
Caffè Per Tutti Juvevê
Casa das Bolachas
Casa Luce
Casa Pagu
Casa Portfolio
Cataia Bar
Chelsea Burgers & Shakes
Coffeeterie
Colégio Medianeira
Dalat Café
Empório Kaveh Kanes
Estação Literária Osório
Estúdio Latino de Design
Fabrika Pães & Café
Faraoh Records
Fingen Café
Five Lab
Fubá Café
Fuga Café
Fundação Cultural de Curitiba
Gabo Livros
Gerência Faróis do Saber
Giardino Café & Cappuccinaria
Go Coffee
Grân's Café
Grimm Haus Sebo & Livraria
Inked Café
Itiban Comics Shop
Isis Café
Janaíno Vegan Bar
Joaquim Livraria
Jokers Bar
La Belle Époque
Le Caffes Especiais
Link Café
Liquori da XV
Livraria Arte & Letra
Livraria da Vila
Livraria do Chaín
Livraria Vertov
Love City
Lucca Cafés Especiais
Lupita Bistrô Bar
Mabu Hotel
Maçã Padaria
Mad Jack Beer Lab
Madí Cafeteria e Empório
Maitê Livros
Mamãe Urso Café
Manana Café
Maniacs Brewing Co
Manifesto Café
MediaLuna Café
Nex House
Novo Café do Teatro
O Pensador Bar
Ópera Garden Café
Pão Prosa
Páprica Vegan
Passeio Café e Arte
Provence Boulangerie
Rituais Casa de Café
Sala Café Living
Sassá Cozinha
Sebinho FATO Agenda
Sebo Kapricho Marechal
Sebo Releituras Centro
Sebo Releituras Portão
Sebo Santos
SESC Paço da Liberdade
Space Cat
Solar do Barão
Tangerina Café
Teatro Enio Carvalho
Teatro Guáira Comunicação
Telaranha Livraria e Café
Temporal Cafés Especiais
Teatro Enio Carvalho
Teatro José Maria Santos
Tijolo CWB
Tumi Café

Universidade Positivo Santos Andrade
UFPR Prédio Histórico
UFPR Reitoria
UTFPR Bloco E
Utopia Tropical Chocolates
Veg e Veg
Viva la Vegan
Waamo Bar
FOZ DO IGUAÇU
Consciência Café
GUARAPUAVA
A Página Livraria
Gato Preto Discos e Livros
GUARATUBA
Odara Cafés Especiais
LONDRINA
Kings Café & Bar Londrina
Nosso Sebo
MARINGÁ
Kings Café & Bar Maringá
The Kingdom
MORRETES
Meu Pé de Serra Café
Solar de Morretes Hospedaria
Casa 1915 Pousada
PATO BRANCO
Alexandria Livraria e Cafeteria
PINHAIS
Café com Lente Jardins
Estação Curitiba Café
PONTA GROSSA
Cripto Cultural
Phono Pub
Sebo Espaço Cultural 1
Sebo Espaço Cultural 2
Verbo Livraria
RIO NEGRO
Sabiá Discos
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS
Sebo da Visconde

<i>Pernambuco</i>
PETROLINA
Café de Bule
RECIFE
Borsoi Café
Café Celeste
Casa Mendez
Livraria da Praça
Livraria do Jardim
Livraria Pó de Estrelas
Releitura
GRAVATÁ
Casa Mendez

<i>Piauí</i>
TERESINA
Café Quatro Estações
<i>Rio de Janeiro</i>
BÚZIOS
Maria Maria Café
CABO FRIO
Sebo do Lanati
DUQUE DE CAXIAS
Tecendo uma Rede de Leitura
Associação Pró-Melhoramento
MACAÉ
Sebo Cultural Livraria & Cafeteria
NOVA FRIBURGO
Dona Emília Books
Jenipapo Livraria
NOVA IGUAÇU
Baixada Literária - Biblioteca
Comunitária Judith Lacaz
PARATY
Livraria das Marés
Livraria Muvuca
Mar de Leitores
RIO DE JANEIRO
Biblioteca Marginow
Blooks Livraria
Capitu Café
Casa 11 Sebo e Livraria
Jacaré Livros
Livraria Alento
Livraria Berinjela
Livraria Ceci
Livraria e Edições Folha Seca
Livraria Prefácio
Manga Rosa Café
Marofa Bar
Patas Café
Pequeno Lab
Solar dos Abacaxis
Triuno Livraria
TRÊS RIOS
Livraria Favorita
VOLTA REDONDA
Diadorim Livros e Idéias Pontual Shopping
Livraria Flamingo

<i>Rio Grande do Norte</i>
NATAL
Sebo Cata Livros
Sebo Rio Branco
PARNAMIRIM
Kave Casa Literária
<i>Rio Grande do Sul</i>
BENTO GONÇALVES
Dom Quixote Livraria e Cafeteria
Paparazzi Livraria



CANELA
Empório Canela
CANOAS
Pandorga Livros
CAXIAS DO SUL
Do Arco da Velha Livraria & Café
ERECHIM
Agridoce Livraria e Sebo
GRAMADO
Mania de Ler Bookstore
PORTO ALEGRE
Brasa Editora Livraria e Bar
Café & Galeria Devora
CirKula Editora, Livraria e Café
Livraria Clareira
Livraria Paralelo 30
Macun Livraria e Café
Rede Beabah
Sonda Pop Store
Ventura Livros
Via Sapiens Livraria & Editora
SANTA MARIA
Livraria e Grife UFSM

<i>Rondônia</i>
CACAOAL
Nostalgia Sebo e Livraria
<i>Roraima</i>
BOA VISTA
Cafeteria Barracão do Poeta
Flying Fox Café

<i>Santa Catarina</i>
BALNEÁRIO CAMBORIÚ
Açaíá Café
ArtHouse BC
Cápsula Livraria
BLUMENAU
Rocinante Sebo
ÇAÇADOR
Livraria Selva Literária
CHAPECÓ
Humana Sebo & Livraria
CRICIÚMA
Sebo Alternativo
FLORIANÓPOLIS
O Barbeiro e O Poeta
Sebo Ivete
JOINVILLE
Casa 97
Koda Café Bistrô
Salvador Vegan Café, Livros e Discos
LAGES
Livraria Sebo Marechal
LAGUNA
Livraria Coruja Buraqueira
PORTO UNIÃO
Porto Presentes Papelaria
SÃO BENTO DO SUL
Dom Quixote Livros
TUBARÃO
Consulato Livraria

<i>São Paulo</i>
ARARAQUARA
Livraria Murad Sebo
BOTUCATU
Sebo Alfarrábio

CAMPOS DO JORDÃO
História sem Fim
CAMPINAS
Café Arte & Cultura
ESTRELOTECA Biblioteca Comunitária
Iluminações Livraria
Livraria Candeeiro
Pangeia Editorial
Sebo Porão
Sebo Contracultura
Sebo das Andorinhas
COTIA
Livraria 3x4
DIADEMA
Sebo Campanário
FRANCA
Almanaque Livraria e Sebo
GUARULHOS
Guarulivros
ILHA COMPRIDA
Pousada Canto da Ilha
ITATIBA
Livraria Toque de Letras
ITUPEVA
Livraria e Sebo Pedras Preciosas
JUNDIAÍ
Livraria Leitura
MOGI-MIRIM
Banca do Sardinha
PIRACICABA
Sebo do Formiga
RIBEIRÃO PRETO
Livraria da Travessa Ribeirão
SANTOS
Realejo Livros
SANTO ANTÔNIO DO PINHAL
Livraria Mantiqueira
SÃO CAETANO DO SUL
Casa das Ideias
SÃO CARLOS
Livraria EDUFSCAR
SÃO JOÃO DA BOA VISTA
Bonnie Book Livraria & Café
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
Livraria Casa Nynho
Livraria do Espaço
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
Livraria e Papelaria Amo Ler Oriente
Livraria Planalto
SÃO PAULO
A Banca de Livros
Banca Tatuí
Bar Balcão
Bíblia
Café Colombiano
Café no Jardim 53
Caledônia Whisky & Co
Casa Brasílis
Casa de Livros
Cidade de Papel
Circulo Livraria

Coffee Lab
Comix Book Shop
Diálogos Embalados e Viagens Pedagógicas
Instituto Sarath
LiteraSampa - IBEAC
La Libreria
Livraria Bandolim
Livraria Cabeceira
Livraria Caraíbas
Livraria da Tarde
Livraria das Perdizes
Livraria Lovely House
Livraria Na Nuvem
Livraria NoveSete
Livraria Ponta de Lança
Livraria Sebo Tucambira
Livraria Sentimento do Mundo
Livraria Simples
Livraria Tutear
Livraria UNESP
Livraria Zaccara
Lop Lop Livros
Mi&Mo Gato Café
Mundos Infinitos
Museu do Livro Esquecido
N'alma Café
O Café da Ponta
Patuá Discos
Patuscada Livraria, Bar & Café
Sabiá Discos
Sebinho da Helô
Sebo Alternativa
Sebo Desculpe A Poeira
Sebo do Messias
Sebo Pura Poesia
Selecta Livros
sobinflência
UGRA PRESS
VINHEDO
Sebo Vinhedo

<i>Sergipe</i>
ARACAJU
Livraria Escariz
<i>Tocantins</i>
PALMAS
Sebo da Vovó

Que tal se tornar um distribuidor do **Jornal Relevo** aí na sua cidade? Fale conosco: **contato@jornalrelevo.com**

Blanca Wiethüchter
Tradução de Floriano Martins

[TENHO APENAS ESTE CORPO] (fragmento)

Tenho apenas este corpo. Esses olhos e essa voz.
Essa longa jornada de sono cansada de morrer.
Conservo o temor ao crepúsculo.
Sem que se comunique com ninguém.

Por causa de meu modo de andar
algo descoberto esperando um pouco
mudo de ideia frequentemente.
Comigo não posso viver segura.

Habito um jardim de palavras
que deixaram de me nomear
para nomeá-las. Não me atrevo
pois é preciso ser dito. É um segredo.
Na verdade, somos duas.

Agora devo inventar a outra.

